



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

julho | 2026

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionial, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No Oeste, o mês foi quente e seco. Os valores médios da temperatura máxima foram superiores ao normal para a época (cerca de 2,4°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos e 4,0°C na estação de Alcobaça). Registaram-se dois períodos especialmente quentes, no início e no final do mês, tendo sido mais intensa e prolongada a primeira ocorrência. Nos dois picos de calor, os desvios térmicos relativamente às normais climatológicas de referência foram acentuados e contribuíram fortemente para elevar os valores médios do mês. No restante período, as temperaturas máximas apresentaram-se bastante estáveis e próximas dos valores padrão. As temperaturas mínimas também registaram valores médios superiores aos normais para a época (cerca de 1,7°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos e 1,2°C na estação de Alcobaça), mas com um desvio bastante menos acentuado do que as máximas. Com alguma variabilidade ao longo do mês e com alguns dias de valores inferiores ao normal, as temperaturas mínimas apresentaram-se mais elevadas nos primeiros dias e na segunda metade do mês, com noites bastante amenas. As amplitudes térmicas diárias (diferença entre as temperaturas máxima e mínima observadas no mesmo dia) não foram muito acentuadas na maior parte dos dias. Os valores mais elevados, de 24,6°C, 23,6°C e 22,8°C, estiveram associados ao período de tempo quente no início do mês e registaram-se, respetivamente nas estações de Alcobaça no dia 3, de Torres Vedras/Dois Portos no dia 2 e de Santa Cruz (Aeródromo) no dia 4.

Os dias decorreram principalmente com céu pouco nublado ou limpo e com períodos de maior nebulosidade junto ao litoral, durante a manhã ou ao final da tarde, que

ocorreram com frequência. Com alguma regularidade houve formação de neblina ou nevoeiro matinal, mais concentrada na segunda e terceira semana do mês, favorecendo o aumento da humidade relativa do ar.

O mês foi menos ventoso do que o anterior. Na maior parte dos dias a intensidade do vento foi fraca a moderada, tendo sido pontual o registo de vento forte junto ao litoral.

A precipitação foi nula ou muito reduzida.

Com o tempo quente e seco, o teor de água no solo diminuiu face ao mês anterior, principalmente nos concelhos ou áreas mais interiores. Junto ao litoral, apesar da ausência de precipitação, a situação foi atenuada pela influência marítima no clima, com temperaturas mais amenas e níveis de humidade relativa do ar mais elevados. No final do mês, os solos nos concelhos da Nazaré, Peniche, Lourinhã e Torres Vedras, encontravam-se totalmente no índice CC [21, 40]. Nos concelhos de Alcobaça, Óbidos e Bombarral os solos apresentavam-se maioritariamente no índice CC (21, 40], mas com algumas áreas já no índice CC [11, 20]. Nos concelhos de Caldas da Rainha e Alenquer o teor de água no solo repartia-se entre o índice CC [21, 40] na parte mais a oeste, e [11, 20] na parte mais a leste. Os concelhos do Cadaval, Sobral de Monte Agraço e Arruda dos Vinhos apresentavam praticamente toda a área situada no índice CC [11, 20].

Durante o mês registou-se em geral uma boa disponibilidade de água para as culturas instaladas e para o abeberamento das espécies pecuárias. No entanto, algumas captações acusavam já algumas limitações de água e água de qualidade inferior, com elevado teor de sais. Alguns produtores dependentes dessas captações adotaram uma gestão mais restritiva da rega. As principais linhas de água superficiais apresentavam caudais dentro dos níveis habituais para esta altura do ano. As reservas hídricas à superfície mantinham níveis de armazenamento elevados, próximos dos registados no mês anterior. As reservas de água subterrâneas mantinham-se em níveis superiores

ao normal para a época. As condições do tempo ao longo do mês, de uma forma genérica, promoveram o desenvolvimento das culturas em regadio e levaram à intensificação da rega. As culturas de sequeiro foram bastante prejudicadas pelo calor e pelo tempo seco, condições que diminuíram o vigor e levaram à secagem precoce das plantas, com efeito na descida das expectativas de produtividade e na qualidade da produção, o que sucedeu designadamente nas culturas da batata, do milho para grão e do feijão. Os trabalhos agrícolas próprios da época decorreram com normalidade. Devido aos períodos de calor intenso foi necessário proteger os pomares para evitar o escaldão solar dos frutos. As temperaturas diurnas elevadas, conjugadas com as neblinas frequentes, no início e no final do dia, aumentaram o risco de doenças como o oídio, exigindo cuidados adicionais na proteção das culturas.

Nas vinhas de uva para vinho, as temperaturas superiores ao normal, verificadas no início do mês, provocaram escaldão solar, principalmente nas castas Castelão e Moscatel Graúdo, que são das mais sensíveis ao calor, o que levou alguns produtores a acionar o Seguro Vitícola de Colheitas. No entanto, não se espera que os estragos causados tenham impacto na produção global. O tempo bastante quente no início do mês, também causou atraso no desenvolvimento da vinha, uma vez que as videiras, com as temperaturas muito elevadas, fecham os estomas e entram numa espécie de latência para se protegerem. A conjugação das temperaturas elevadas com as neblinas frequentes no início e ao final do dia, elevaram o risco de doenças criptogâmicas como o oídio. Na vinha para uva de mesa, as temperaturas elevadas não condicionaram as variedades mais precoces, que se encontravam em maturação. No entanto, tiveram um efeito significativo nas variedades mais tardias, devido ao escaldão solar que causou perda de produção e de qualidade.

Nos pomares de pera e de maçã as altas temperaturas no início do mês, provocaram uma paragem no

crescimento dos frutos. Apesar da aplicação de caulino para evitar o escaldão solar durante os picos de calor, muitos frutos foram afetados, registando-se perdas de produção com algum significado, mas mais expressivas nas maçãs, principalmente das variedades Reineta e Gala. Com o tempo quente e seco, a intensidade de doenças e pragas foi menor do que nos outros anos. À semelhança dos meses anteriores, continuou a registar-se mortalidade anormal de macieiras por asfixia radicular, cada vez mais evidente sobretudo nas zonas de pomares que ficaram mais sujeitas a encharcamento prolongado do solo.

Nos pomares de ameixeiras e pessegueiros, a primeira vaga de calor no início do mês, provocou escaldão solar nos frutos registando-se prejuízo na produção, mais significativa nas ameixas.

Nos pomares de limão, com as temperaturas muito elevadas no início do mês muitos frutos caíram devido a escaldão solar. A perda de frutos ainda foi significativa.

No olival, os períodos de calor mais intenso causaram alguma queda de frutos por escaldão, o que foi observado principalmente nas variedades mais tardias. Nos olivais com menores reservas de água no solo, registou-se uma queda mais acentuada de folhas velhas, estratégia natural para baixar o nível de evapotranspiração e reduzir a exposição ao stress hídrico. As temperaturas elevadas foram um aliado natural no combate à mosca da azeitona. Inviabilizaram os ovos e larvas e reduziram a atividade de postura e sobrevivência dos adultos, interrompendo o seu ciclo reprodutivo.

Na cultura do tomate para indústria, os períodos de calor mais intenso poderão ter afetado negativamente o vingamento dos frutos nas searas mais tardias, causando alguma perda de produção. Nas searas mais adiantadas provocou alguma queimadura solar nos frutos, apesar da boa cobertura vegetal que a cultura apresentava.

Os dias quentes, com boa radiação solar e as noites menos frias favoreceram o desenvolvimento dos arrozais.

As condições do tempo, designadamente de calor, foram favoráveis ao desenvolvimento do milho para silagem (cultura de regadio).

Relativamente às principais culturas hortícolas de ar livre, apenas as couves plantadas em solos de areia e com disponibilidade de água com boas propriedades, apresentavam qualidade. As restantes, instaladas em solos mais fortes e com disponibilidade ou qualidade hídrica inferior (elevada concentração de sais), apresentavam calibres baixos e uma qualidade bastante fraca. Os preços e a procura mantiveram-se baixos, continuando a registar-se bastante armazenagem de couve no frio.

O mês foi um período difícil para as cenouras. A produção apresentou pouca qualidade devido às temperaturas elevadas e à concentração das colheitas. Devido às condições meteorológicas no inverno, houve um atraso nas sementeiras, que foram muito concentradas em março e abril, sem um escalonamento adequado, causando uma significativa perturbação na fase final do ciclo, com campos a ultrapassarem o ponto de colheita. Com o excesso de disponibilidade de produção os preços mantiveram-se baixos.

Devido a algumas limitações de água disponível, alguns produtores começaram a reduzir as dotações de rega nas abóboras, o que teve um efeito negativo nos calibres dos frutos, que apresentaram menor desenvolvimento. A cultura praticada em sequeiro mantinha um fraco desenvolvimento devido ao calor e à falta de humidade no solo.

Nas culturas hortícolas em estufa, com as temperaturas mais elevadas foi necessário manter um ambiente arejado e fresco, para o qual contribuiu a pintura das estufas já realizada anteriormente. O calor, a radiação solar e menores amplitudes térmicas, promoveram o desenvolvimento vegetativo das culturas. Durante o mês

mantiveram-se as colheitas, mas o pepino e a courgette aproximavam-se da fase final da primeira campanha, mantendo-se as colheitas da campanha intermédia de tomate. No final do mês encontravam-se concluídas as plantações da segunda campanha de tomate. Os preços de mercado mantiveram-se baixos.

No **Médio Tejo**, o tempo caracterizou-se no princípio do mês como muito quente, registando-se temperaturas muito elevadas e no decorrer do mês verificou-se descida e estabilização das temperaturas máximas e mínimas. Na primeira semana verificou-se assim a ocorrência de temperaturas máximas acima do normal para a época, associadas a uma onda de calor iniciada a partir do dia 1 até ao dia 8, de acordo com os registos disponíveis da estação meteorológica de Alvega. Entende-se como onda de calor o intervalo de pelo menos seis dias consecutivos com temperatura máxima diária superior em 5°C ao valor médio das temperaturas máximas diárias, no respetivo mês, para o período de referência 1991-2020.

Os dias decorreram predominantemente com céu pouco nublado ou limpo. Em alguns dias verificou-se o céu temporariamente com períodos de muita nebulosidade.

O vento foi predominantemente fraco a moderado.

Não se verificaram dias com precipitação no mês, sendo normal para a época alguma precipitação mesmo que por valores baixos.

De uma forma geral, no final do mês, o teor de água no solo diminuiu na região, distribuindo-se pelos índices CC [21, 40], CC [11, 20] e CC [1, 10]. No índice CC [21, 40] situava-se maioritariamente o concelho de Mação e parte do concelho de Torres Novas. No índice CC [11, 20], situavam-se maioritariamente os concelhos de Alcanena, Ourém e Abrantes e na totalidade o concelho do Entroncamento. No índice CC [1, 10], situavam-se maioritariamente os concelhos de Tomar, Constância, Vila Nova da Barquinha e Sardoal.

Os níveis de armazenamento das reservas de água superficiais e subterrâneas registavam-se ainda acima do normal para a época, mantendo-se uma boa disponibilidade de água para as culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias. Contudo, mantém-se a situação de escassez de água nas áreas agrícolas cujo abastecimento depende do rio Tejo.

No que respeita à influência do estado do tempo nas culturas, ao longo do mês existiram condições propícias para a realização das operações agrícolas, tendo as mesmas decorrido com normalidade.

Nas culturas de cereais praganosos, em especial da cevada dística destinada à produção de malte, as condições de tempo permitiram a conclusão da colheita e entregas na indústria com normalidade.

Nas figueiras, o calor não afetou diretamente a produção e a qualidade da mesma, mas antecipou o início da colheita.

Nas nogueiras, o tempo quente sentido neste mês não afetou a cultura como se esperava, causando apenas queimaduras em alguns frutos, sem impacto relevante na produção.

Nas amendoeiras, manteve-se uma forte pressão provocada pelas elevadas temperaturas e reduzidas humidades relativas do ar, contribuindo para a aceleração da maturação dos frutos. Estas condições meteorológicas afetaram negativamente a cultura, com resultados evidentes de quebras de produção. Salienta-se ainda o efeito das altas temperaturas na cultura, que tem favorecido o surgimento de pragas e ataques com alguma intensidade.

Nos olivais tradicionais de sequeiro, à semelhança do mês anterior, também julho registou vários dias com altas temperaturas, o que provocou pontualmente e de forma ligeira, a queda de frutos por escaldão, com maior incidência em variedades tardias e no lado sul da copa das árvores. Nos olivais intensivos de regadio, verificaram-se condições climatéricas favoráveis ao vingamento da azeitona.

Na cultura do feijão seco, as elevadas temperaturas registadas ao longo do mês, sobretudo na fase inicial, exigiram um reforço das dotações de rega, de forma a evitar a morte das plantas.

Na cultura de milho de regadio, as altas temperaturas ocorridas no princípio do mês induziram problemas na floração.

No tomate para indústria, as temperaturas elevadas registadas no início do mês não tiveram um impacto significativo, sendo o efeito de escaldão mitigado com a rega e pela rama bastante abundante. Nos últimos dias do mês, as temperaturas mais amenas permitiram o início da colheita com normalidade.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as temperaturas máximas apresentaram-se bastante elevadas no início e no final do mês, tendo sido mais extremas na primeira semana. Nos restantes dias registou-se uma grande estabilidade das temperaturas máximas, com valores muito próximos dos normais para a época e por vezes até um pouco inferiores. As temperaturas mínimas apresentaram uma grande oscilação até ao dia 11, com registo de valores muito elevados na primeira semana e de valores inferiores ao normal para a época até quase ao final da segunda semana. Durante o resto do mês as temperaturas mínimas apresentaram-se estáveis e próximas dos valores de referência. As temperaturas médias foram superiores às normais climatológicas e de forma mais acentuada nas temperaturas máximas. As amplitudes térmicas foram acentuadas na maior parte dos dias. Os valores mais elevados, de 23,6°C e de 26,8°C foram registados respetivamente no dia 27 na estação de Santarém e no dia 2 na estação de Coruche.

O mês decorreu principalmente com dias de céu pouco nublado ou limpo e, pontualmente, com períodos de muita nebulosidade. Verificaram-se alguns dias com formação de neblina ou nevoeiro matinal, mais concentrados entre a segunda e a terceira semana.

O vento foi predominantemente fraco a moderado.

A precipitação foi praticamente nula.

Devido às condições climatéricas, de tempo quente e seco, no final do mês o teor de água no solo tinha diminuído em toda a região, predominando o índice CC [11, 20], com algumas áreas ainda no índice CC [21, 40], pouco expressivas nos concelhos de Santarém, Rio Maior, Azambuja e Cartaxo, e de maior expressão nos concelhos de Coruche e Benavente. Os concelhos de Santarém, Almeirim e Benavente apresentavam algumas áreas já no índice CC [1, 10] e o concelho de Azambuja apresentava uma área no ponto de emurchecimento permanente (PEP).

As reservas de água superficiais mantinham níveis de armazenamento acima do normal para a época, embora tivessem diminuído face ao mês anterior. Também se verificou uma diminuição do caudal do Rio Tejo. As águas subterrâneas mantinham níveis acima do normal para a época na margem norte do rio Tejo e na margem sul os níveis apresentavam-se inferiores. Apesar da diminuição dos recursos hídricos, verificou-se disponibilidade para o abeberamento de animais e para as necessidades das culturas.

Quanto à influência do tempo nas culturas, as temperaturas elevadas, observadas especialmente no início do mês, determinaram a necessidade de reforçar a rega na generalidade das culturas de regadio, permitindo a manutenção de condições favoráveis ao seu desenvolvimento. Embora os problemas fitossanitários não tenham sido muito marcantes nesta campanha, com o tempo quente e seco a pressão de pragas aumentou. As condições meteorológicas permitiram a realização dos trabalhos agrícolas com normalidade ao longo do mês.

Os prados de regadio e as culturas forrageiras apresentavam um desenvolvimento adequado, sem influência das condições meteorológicas verificadas. No entanto, em alguns campos de milho para silagem, as plantas evidenciaram sinais de *stress* hídrico devido aos golpes de calor registados, situação que poderá afetar negativamente a produção.

Nas vinhas para vinho, as temperaturas elevadas registadas na primeira semana do mês, especialmente nos dias 2 e 3, quando foram atingidos valores máximos extremos, causaram danos por escaldão. A casta Moscatel foi a mais afetada, estimando-se perdas de produção significativas na maioria das parcelas. Nas outras castas, os estragos foram pontuais, sem grande impacto na produção. Nas vinhas para uva de mesa, as variedades mais tardias, que ainda não se encontravam na fase do pintor, foram afetadas de forma significativa pelas elevadas temperaturas.

Nos citrinos, em particular na laranja, as temperaturas elevadas verificadas na primeira semana de julho determinaram a necessidade de reforçar a rega, sobretudo nos pomares localizados em solos mais arenosos.

Nos pomares de amêndoa as condições meteorológicas não afetaram a cultura.

Nos olivais de sequeiro, as temperaturas elevadas que ocorreram no início do mês foram prejudiciais, tendo-se verificado alguma queda de frutos. Nos olivais de regadio, o impacto das temperaturas elevadas foi atenuado pelo aumento da dotação de rega, verificando-se, até ao final do mês, uma evolução normal do desenvolvimento dos frutos.

Na cultura do milho, as condições meteorológicas não afetaram de forma significativa as plantas. Contudo, em alguns campos que se encontravam em plena floração, a elevada temperatura ocorrida no início do mês afetou a formação das espigas, que se verificaram pequenas e com poucos grãos. Devido aos períodos de maior calor houve mais intensidade de algumas pragas.

Na cultura do feijão, o estado do tempo foi favorável ao desenvolvimento vegetativo.

Nos arrozais, não se verificaram impactos significativos das condições meteorológicas no seu desenvolvimento, tendo a cultura evoluído normalmente.

Na cultura de grão de bico, as temperaturas elevadas no início do mês prejudicaram a floração e o vingamento nos campos mais tardios.

No tomate para indústria, com as temperaturas elevadas verificou-se maior intensidade de pragas. Os dias de calor mais extremo no início do mês, provocaram algum escaldão solar nos frutos das searas mais adiantadas, que foi minimizado pela boa cobertura vegetal que as searas em geral apresentavam. As mesmas condições extremas de temperatura tiveram um efeito negativo no vingamento dos frutos nas searas mais tardias, que poderá impactar na produtividade.

Na cultura do melão, em geral o tempo quente e seco foi favorável. Nos períodos de calor mais extremo houve necessidade de proteção contra queimadura solar nas searas já com frutos desenvolvidos.

Na cultura da batata de regadio, o calor foi uma preocupação porque acelerou o desenvolvimento vegetativo das plantações e contribuiu para a concentração da maturação dos tubérculos, tornando a gestão das colheitas mais difícil, que decorriam com algum atraso.

Na **Grande Lisboa**, o mês caracterizou-se por condições meteorológicas predominantemente secas e quentes, com temperaturas superiores aos valores normais para a época, sobretudo durante a primeira semana do mês. O período inicial foi marcado por uma situação de tempo muito quente, enquadrada num episódio de onda de calor que se prolongou de 29 de junho a 6 de julho. Após este período, verificou-se uma descida gradual das temperaturas, com valores mais próximos ou, pontualmente, inferiores às normais, embora no final do mês tenha registado nova subida das temperaturas. A temperatura máxima média mensal foi superior em cerca de 2,1°C à temperatura máxima normal para a época. A temperatura mínima média mensal foi igualmente superior à respetiva normal em aproximadamente 1,6°C. O mês apresentou-se

extremamente seco, sem contribuição da precipitação para a reposição das reservas de água no solo. Este facto, associado às temperaturas médias superiores às normais e à ocorrência de períodos de baixa humidade relativa, determinou fortes condições evaporativas e de elevada necessidade de água pelas culturas.

Durante a maior parte do mês predominou céu pouco nublado ou limpo, embora se tenham verificado períodos de maior nebulosidade, sobretudo durante a manhã e nas zonas litorais. Foram frequentes as situações de nebulosidade junto à faixa costeira, particularmente na área do Cabo Raso, com tendência para dissipação durante o período da tarde.

O mês foi, em geral, caracterizado por vento fraco a moderado, com variações ocasionais. A intensidade do vento apresentou uma evolução relativamente variável ao longo do mês, sendo frequentes as situações de vento moderado durante a tarde, especialmente nas zonas costeiras. A predominância de vento de norte/noroeste, sobretudo durante as tardes, terá contribuído para o aumento da evapotranspiração e, consequentemente, para a manutenção do défice hídrico dos solos.

Não foi registada precipitação mensurável na estação de referência. Considerando o acumulado mensal registado de 0,0mm e o valor de referência 2,6mm, a precipitação ocorrida correspondeu a um défice de 100% relativamente a esse valor de referência.

Verificou-se uma considerável amplitude da humidade relativa diária. A humidade relativa mínima diária foi registada no dia 6, durante o período de temperaturas mais elevadas. Ao longo do mês foram frequentes valores mínimos inferiores a 40%, sobretudo nos períodos de maior aquecimento, traduzindo condições de elevada secura atmosférica e maior potencial evaporativo. Em sentido contrário, a humidade relativa máxima diária atingiu 100%, valor observado em vários dias, sobretudo durante os períodos noturnos e matinais. Esta situação é compatível com a ocorrência de nebulosidade elevada e humidade junto à faixa costeira, sem, contudo, se traduzir em precipitação.

Relativamente ao índice de água no solo, evidenciou-se uma distribuição espacial diferenciada na região da Grande Lisboa. De forma geral, os valores mais elevados, correspondentes ao índice CC [21-40], predominaram em vários concelhos, enquanto o índice CC [11-20] e, pontualmente, [1-10], surgiram sobretudo no interior e noroeste. Nos concelhos de Amadora, Odivelas e Lisboa, o índice CC encontrava-se no final do mês maioritariamente a [21-40]. Em Loures, predominava o índice CC [11-20], enquanto em Sintra se verificava uma diferenciação espacial, com valores mais baixos na zona noroeste/norte e valores mais elevados na parte sudeste. Em Mafra, a área litoral apresentava valores no índice CC [21-40], enquanto no interior predominaram valores no índice CC [11-20]. Em Vila Franca de Xira, observou-se uma maior heterogeneidade espacial, com áreas nos índices CC [1-10], [11-20] e [21-24], enquanto Cascais e Oeiras apresentaram predominantemente valores [21-40], com uma área litoral de valores inferiores. Face à ausência de precipitação durante o mês e às temperaturas superiores ao normal, a evolução do teor de água no solo teve uma progressiva redução das disponibilidades hídricas, particularmente nas áreas com menores índices de água no solo e nas culturas com maior exigência hídrica.

As reservas de água superficiais apresentavam níveis considerados satisfatórios, embora inferiores aos registados no mês anterior. Apesar desta redução, não foram identificadas situações de escassez de água na região, quer para fins de rega, quer para o abeberamento dos efetivos pecuários.

Quanto à influência do estado do tempo nas culturas, as condições meteorológicas observadas durante o mês foram caracterizadas por défice pluviométrico muito acentuado, temperaturas superiores ao normal e elevada exigência evaporativa, fatores que reforçam a importância da gestão adequada da rega e do acompanhamento da evolução do teor de água no solo, em particular nas culturas de sequeiro e nas áreas com menor disponibilidade hídrica.

O tempo proporcionou a secagem acelerada dos prados e pastagens de sequeiro.

Nas vinhas de uva para vinho, a onda de calor ocorrida no início do mês provocou episódios de escaldão nos cachos. A casta Castelão apresentou danos de alguma expressão, estimando-se uma quebra de produtividade nesta variedade.

Nas uvas de mesa, as temperaturas elevadas registadas no início do mês tiveram uma influência significativa, provocando danos por escaldão em algumas variedades que se encontravam em fases fenológicas anteriores à M - Pintor. A variedade Red Globe, mais sensível às temperaturas elevadas, foi particularmente afetada, estimando-se que os danos por escaldão tenham atingido uma elevada percentagem de bagos. Em contrapartida, a variedade Vitória apresentou maior tolerância às condições de calor, registando-se uma menor incidência de danos.

Nas pomóideas, foi observada a ocorrência de escaldão em frutos, com expressão variável consoante a localização e as condições de exposição. A elevada temperatura contribuiu para uma redução da taxa de crescimento relativamente ao habitual.

Nos olivais, à semelhança do mês anterior registaram-se vários dias com temperaturas elevadas, que provocaram, pontualmente, queda ligeira de frutos por escaldão. Os danos apresentaram maior incidência nas variedades tardias e na exposição sul da copa das árvores, onde a radiação solar terá contribuído para o aumento da temperatura dos frutos. As temperaturas elevadas verificadas contribuíram para limitar o desenvolvimento da mosca da azeitona, nomeadamente através da redução da viabilidade de ovos e larvas e da diminuição da atividade de postura e sobrevivência dos adultos, contribuindo para uma redução da pressão da praga e interrupção do seu ciclo reprodutivo.

No milho de regadio, as temperaturas elevadas registadas durante o mês contribuíram para um desenvolvimento vegetativo rápido das searas.

No arroz, as condições meteorológicas verificadas durante o mês permitiram uma evolução favorável da cultura, não se tendo registado constrangimentos relacionados com a disponibilidade de água. As elevadas temperaturas observadas favoreceram o desenvolvimento vegetativo e a progressão do ciclo fenológico. Contudo, temem-se as condições meteorológicas durante o mês de agosto, uma vez que a ocorrência de manhãs com elevada humidade poderá favorecer o desenvolvimento de doenças fúngicas, nomeadamente por *Pyricularia* que ataca as folhas, caules e grãos, provocando grandes quebras na produção global.

No tomate para indústria, as temperaturas muito elevadas registadas, em particular durante a onda de calor do início do mês, condicionaram o desenvolvimento da cultura, tornando necessário intensificar a rega para satisfazer as necessidades hídricas das plantas. Não obstante, não foram registados constrangimentos na disponibilidade de água para rega, tendo sido possível assegurar o fornecimento hídrico adequado. As condições de calor provocaram queda de flores nas plantações que se encontravam em floração, reduzindo pontualmente o potencial de frutificação. Nas parcelas em fase mais avançada observaram-se igualmente casos de escaldão dos frutos, bem como a ocorrência de podridão apical e de frutos deformados ("frutos chapados"), com incidência variável consoante o estado fenológico e as condições específicas de cada parcela.

Na cultura de pimento para indústria, durante o mês não se registaram constrangimentos com impacto significativo na evolução da cultura. Mantém-se, contudo, a preocupação relativamente às condições meteorológicas previstas para o mês de agosto, uma vez que a eventual ocorrência de manhãs com elevada humidade poderá favorecer o desenvolvimento de doenças fúngicas, particularmente de oídio.

No melão, as condições meteorológicas verificadas favoreceram a evolução da cultura.

Na **Península de Setúbal**, as temperaturas máximas registaram em geral, valores acima do normal para a época até ao dia 10 e a partir de dia 26. Neste mês registou-se a ocorrência de uma onda de calor com a duração de 6 e 8 dias, respetivamente nas estações de Setúbal e de Pegões. De referir que no final de junho estas estações já registavam valores de temperatura correspondentes a onda de calor em 1 e 2 dias, respetivamente. Assim, pode-se considerar a existência de onda de calor no final de junho/início de julho com a duração de 7 dias na estação de Setúbal e de 10 dias na estação de Pegões. As temperaturas mínimas tiveram um comportamento mais regular, com valores superiores ao normal para a época no início e no final do mês. As maiores amplitudes térmicas foram registadas no início do mês (25,6°C na estação de Pegões e 23,6°C, ambas registadas no dia 2). As menores amplitudes térmicas observaram-se em meados e no final do mês, sendo o menor valor no dia 25 com 8,7°C na estação de Setúbal e 12,4°C no dia 12 na estação de Pegões.

O mês caracterizou-se pelo predomínio de céu pouco nublado ou limpo, alternando com períodos de maior nebulosidade, mais frequentes em meados e no final do mês, durante a manhã, com dissipação gradual ao longo do dia.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 25km/h a 30km/h), pontualmente forte.

A precipitação ocorrida foi muito residual, sendo o total mensal registado nas estações da região inferior a 5% do valor normal para a época.

A humidade relativa diária foi em geral inferior à registada no mês anterior.

Relativamente ao teor de água no solo, face à precipitação praticamente inexistente e às elevadas temperaturas ocorridas, verificou-se em geral o seu decréscimo ao longo do mês. Assim, no final do mês a maior parte dos solos encontravam-se no índice CC [21, 40]. No índice CC [11, 20] estavam já as zonas noroeste do concelho do Montijo (parte oriental), sudeste do

concelho de Palmela, sul do concelho de Almada, sudoeste do conselho do Seixal, o concelho de Sesimbra com exceção da zona nordeste e a zona sudoeste do concelho de Setúbal. Comparativamente a igual período do ano anterior, a situação era então mais favorável.

No que respeita aos recursos hídricos, as barragens da região mantinham níveis satisfatórios para a época, não se observando reduções significativas no armazenamento. Também os cursos naturais e os aquíferos subterrâneos, continuavam com reservas de água. Não se verificaram situações de escassez de água para a rega e para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, apesar das temperaturas muito elevadas que se fizeram sentir durante o mês, principalmente no início, as consequências nas culturas não foram tão drásticas como se receava.

Concretamente, no que se refere às vinhas, as temperaturas muito elevadas do início do mês provocaram algum escaldão nos cachos, com danos, de um modo geral, inferiores ao inicialmente receado. Esta situação levou à participação ao Seguro Vitícola de Colheitas em casos pontuais. Estes efeitos manifestaram-se sobretudo na casta Moscatel, com cachos mais expostos à radiação solar, devido à menor proteção pela vegetação e, pontualmente, também na folhagem. As situações de escaldão, em alguns casos com queima dos cachos, levarão a quebras de produção. Em algumas vinhas foram efetuados reforços de aplicações foliares de silício, como medida de mitigação dos efeitos das elevadas temperaturas. A rega permitiu minimizar os efeitos do défice hídrico, com as dotações estritamente necessárias, de forma a evitar perdas de qualidade, nomeadamente ao nível do teor alcoólico provável.

Nas pomóideas, concretamente no que diz respeito às macieiras e pereiras, as elevadas temperaturas registadas provocaram, pontualmente, situações de escaldão em frutos de macieira, com ocorrência de danos internos e externos, refletindo-se na redução do

calibre e em perda de produção. Nos casos em que foram efetuadas, as aplicações preventivas de caulino e de silício revelaram-se eficazes na proteção dos frutos, tendo contribuído para reduzir os danos provocados pelas temperaturas elevadas, atenuando o escaldão. Por outro lado, e para minimizar os efeitos das elevadas temperaturas, foram reforçadas as dotações de rega.

Nas ameixeiras, as temperaturas muito elevadas provocaram nalguns casos danos significativos nos frutos, escaldão interno ("fruto cozido"), com prejuízos na qualidade e na produção. Contudo, em parcelas onde foi efetuada a aplicação de silício, esta prática revelou-se eficaz, reduzindo a incidência destes danos.

No que respeita às tangerineiras, as condições de temperaturas elevadas e ausência quase total de precipitação, favoreceram a continuação do crescimento dos frutos e do desenvolvimento vegetativo das plantas, embora tenham aumentado as necessidades hídricas. A gestão da rega manteve-se essencial para assegurar um adequado estado hídrico das árvores e evitar situações de *stress*.

Na cultura do milho de regadio, as temperaturas muito elevadas registadas no início do mês provocaram algum impacto no desenvolvimento da cultura, com efeitos pontuais em algumas parcelas, mas sem impactos generalizados na produção.

Nos arrozais, as temperaturas elevadas do início do mês não tiveram efeitos negativos. A disponibilidade de água e a circulação contínua de água fresca nas parcelas contribuíram para atenuar o efeito do calor, evitando situações de *stress*. Estas condições favoreceram o desenvolvimento vegetativo, traduzindo-se num aumento de crescimento das plantas.

Na cultura do tomate para indústria, as temperaturas muito elevadas no início do mês provocaram escaldão em algumas plantas. A intensidade dos danos foi mais evidente nas áreas onde a rega foi menos eficiente.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos de todas as estações.



**Fitossanidade: pragas e doenças;
intensidade e frequência dos ataques;
oportunidade e eficácia dos
tratamentos efetuados; prejuízos causados
para além do normal**

Oeste

Na vinha de uva para vinho, as condições meteorológicas aumentaram o risco de desenvolvimento de oídio, tendo sido identificados alguns focos mais significativos da doença. Estas condições exigiram uma forte atenção dos produtores, tendo sido recomendados tratamentos nas castas mais sensíveis, como a Castelão, a Tinta Roriz e a Fernão Pires. No final do mês, e comparativamente a um ano normal, não havia registo de estragos significativos causados pela doença. As situações de estragos elevados ocorreram apenas pontualmente, muito por falta de atenção dos produtores que não realizaram os tratamentos atempadamente, descurando os períodos de persistência dos produtos aplicados. Dado o estado fenológico em que a vinha se encontrava no final do mês (M - Pintor), a produção encontrava-se já salvaguardada de doenças fúngicas como o mildio e o oídio. Em termos de pragas continuou a verificar-se alguma pressão de cigarrinha verde, a exigir tratamentos preventivos. Prevê-se que o próximo voo da traça da uva, praga que provoca podridão cinzenta, exija novos tratamentos no início de agosto, embora se perspetive que ocorra com baixa pressão, tanto devido ao inverno chuvoso, como ao impacto que as temperaturas elevadas do início do mês tiveram na viabilidade das posturas. No final do mês o balanço sanitário da uva era positivo. A vinha de uva de mesa também apresentava um bom estado

fitossanitário, sem identificação de problemas relevantes.

Nos pomares de pera Rocha, continuaram a surgir novas infeções de estenfiliose e o fogo bacteriano continuou a progredir, mesmo com as podas sanitárias. No entanto, estes dois problemas fitossanitários, que são os principais nos pomares de pera, mantinham uma incidência baixa relativamente aos anos anteriores. Os tratamentos disponíveis apresentam pouca eficácia. Ao nível das pragas, foram identificados os problemas habituais, como a psila e afídeos, mas também com uma incidência média/baixa, que se mantiveram controlados. Nos pomares de macieiras a presença de fogo bacteriano permaneceu elevada relativamente ao ano anterior. Surgiram novas infeções de pedrado em folhas e frutos, com maior intensidade nalguns pomares. Em termos de pragas, continuou a verificar-se uma pressão elevada de pulgão lanígero, ácaros e afídio cinzento. As capturas de bichados (*Cydia pomonella* e *Grapholita funebrana*) em pomares de pera e de maçã, foram elevadas. De um modo geral, o estado fitossanitário dos pomares de pera e maçã era melhor do que nos anos anteriores, devido à menor intensidade de doenças e pragas.

Os pomares de prunóideas em geral continuaram sem problemas fitossanitários significativos. Foram realizados tratamentos preventivos para a mosca do Mediterrâneo, nas ameixeiras e nos pessegueiros.

Nos pomares de limão os problemas fitossanitários mantiveram-se controlados. Durante o mês foram realizados tratamentos para a proteção da cultura, designadamente contra ácaros, piolhos e cochonilha, que tenderam a aumentar devido ao tempo quente e seco.

No olival, as variedades ou parcelas mais precoces, que apresentavam frutos de maior calibre, registaram no início do mês um ligeiro ataque de mosca da azeitona. As medidas de controlo adotadas revelaram eficácia, tendo sido beneficiadas pelas temperaturas mais

elevadas que funcionaram como um controlo natural da praga.

Na cultura de tomate para indústria, surgiram os problemas habituais, que apresentaram uma intensidade média/baixa, tendo sido eficazmente controlados com os devidos tratamentos fitossanitários.

Na cultura do arroz, a presença de doenças e pragas manteve uma intensidade baixa e os tratamentos fitossanitários garantiram o controlo eficaz das situações ocorridas. A intensidade de infestantes, mais elevada do que o habitual desde a fase inicial da cultura, agravou-se. Em junho a aplicação de herbicidas realizou-se nos campos de arroz mais adiantados e em julho realizou-se nas searas mais jovens. Os tratamentos revelaram eficácia elevada, mas não permitiram combater totalmente as infestantes, que permanecem na cultura com alguma intensidade, principalmente arroz bravo, milhã e *Leptochloa*, tendo sido identificadas algumas zonas mais críticas.

Na cultura do milho para silagem continuou a ser identificada a presença pontual de lagarta desfolhadora, situação que se manteve controlada com a realização de tratamentos fitossanitários, que revelaram eficácia. Continuou a ser identificada a presença de javalis com um nível de destruição associada ainda baixo. No milho de sequeiro para grão, não foram identificados problemas de doenças ou pragas com significado, mas apenas a presença de javalis, que causaram alguma destruição, principalmente no Alto Oeste.

A cultura da batata em geral apresentou um bom estado fitossanitário, embora tenham surgido alguns ataques de traça da batateira que foram eficazmente controlados.

Nas culturas hortícolas de ar livre, as doenças e pragas foram as habituais para a época. Foram realizados tratamentos, alguns dos quais apresentaram uma eficácia mais reduzida, designadamente o controlo de piolhos nas couves.

Nas culturas de hortícolas em estufa, registou-se a presença de oídio no pepino e na courgette e de *Tuta absoluta*, mosca branca e aranha vermelha no tomate. A incidência das doenças e os ataques de pragas foram de baixa intensidade, tendo-se revelado eficazes os tratamentos realizados. Não foram identificados prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nas vinhas para vinho, o mês foi marcado pela pressão do oídio, com focos muito persistentes e difíceis de eliminar. Em termos de pragas, registou-se alguma incidência de cigarrinha, em especial nas castas Alicante Bouschet e Aragonez.

Nas figueiras não ocorreu a presença de pragas ou doenças de forma significativa.

Nas amendoeiras, as condições meteorológicas registadas, especialmente as temperaturas elevadas, têm favorecido os ataques de algumas pragas, com maior intensidade de aranhas vermelhas e amarelas, assim como de falso tigre. Em termos de doenças, não foram identificadas situações que exigissem tratamento.

Nas nozeiras, em termos fitossanitários destacou-se o início dos ataques por cicadélidos e afídeos, normais nesta fase de mais calor e de elevado crescimento vegetativo.

Nos olivais tradicionais, no início do mês, observou-se um ligeiro ataque de mosca da azeitona nas variedades ou parcelas mais precoces, cujos frutos já apresentavam maior calibre. Contudo, a adoção de estratégias de controlo preventivas e dissuasoras revelou-se eficaz, beneficiando ainda das elevadas temperaturas registadas, que inviabilizaram os ovos e as larvas da praga, reduziram a atividade de postura e a sobrevivência dos adultos e, consequentemente, diminuíram o número de posturas e interromperam o ciclo reprodutivo da espécie. Os olivais intensivos apresentavam um bom estado fitossanitário, não se

registando ocorrências significativas de pragas ou doenças.

No milho de regadio, em geral não foram ao longo do mês verificadas incidências de relevo, com exceção da presença em alguns campos das pragas habituais, lagarta desfolhadora e pirale (*Ostrinia nubilalis*). Salienta-se uma menor pressão de nanismo na cultura nesta campanha. Contudo, a presença dos javalis nos campos começou a intensificar-se com a aproximação das fases mais apetecíveis do milho (grão leitoso) para estes animais.

No feijão, destacou-se a persistência de piolho, situação que já se verificava no mês anterior. No entanto, a praga acabou por ser controlada, apresentando uma presença reduzida no final do mês.

No tomate para indústria, não se verificaram ocorrências com significado. No início do mês registaram-se alguns ataques de ácaros, associados ao período de temperaturas mais elevadas. Contudo, após a realização dos tratamentos fitossanitários, a praga ficou controlada, não tendo causado danos significativos.

No girassol, mantiveram-se alguns focos de míldio nas variedades mais sensíveis, mas sem grande impacto na cultura, que se prepara para a colheita.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas para vinho, na generalidade das parcelas, o pico do voo da terceira geração da traça da uva ocorreu na segunda quinzena, com menor intensidade do que nos anos anteriores. Na última semana do mês já foram observadas algumas posturas viáveis. Continuou a observar-se a presença de cigarrinha verde em várias parcelas, sendo que em muitas delas já se atingiu o Nível Económico de Ataque (NEA), tendo sido realizados tratamentos. As vinhas para uva de mesa, apresentavam em geral um bom estado fitossanitário.

Os pomares de pessegueiros apresentavam um bom estado fitossanitário antes da colheita.

Nos pomares de citrinos, em especial nas laranjeiras, continuaram a observar-se alguns ataques de ácaros nas árvores com maior exposição solar. Com os tratamentos realizados no final de junho, os focos iniciais foram eliminados, impedindo o estabelecimento da praga. Registou-se também a presença de outras pragas em fases iniciais de desenvolvimento, nomeadamente afídeos, cochonilha vírgula e focos iniciais da doença fúngica pinta castanha (*Alternaria alternata*). Por esse motivo, na terceira semana do mês, realizaram-se tratamentos preventivos para o controlo destas pragas.

No amendoal não foram identificadas ocorrências significativas.

No nogueiral, não foram identificados problemas fitossanitários relevantes, apenas se identificaram os primeiros ataques de cicadelídeos e afídeos, normais para a época.

Nos olivais, no início do mês registou-se um ataque de mosca da azeitona, cujas posturas acabaram por não provocar danos devido às temperaturas elevadas, que tornaram inviáveis os ovos e larvas, sem necessidade de realização de tratamentos. Nas últimas duas semanas do mês, com temperaturas mais moderadas e manhãs mais frescas, houve reincidência dos ataques de mosca, tendo sido determinante a realização de um tratamento para controlo da população, de forma a evitar danos nos frutos que possam comprometer a produção.

Na cultura do milho, com os períodos de maior calor houve maior intensidade de algumas pragas. Algumas searas poderão não ter sido tratadas ou tratadas com pouca eficácia, devido aos custos elevados dos produtos fitossanitários. Os problemas de nanismo apresentavam menor expressão do que no ano anterior. A figueira do inferno (*Datura stramonium*) também se encontrava mais controlada nesta campanha. Em geral, o ano não está a apresentar uma grande pressão de doenças e

pragas na cultura do milho. Continuou a registar-se alguns ataques de javalis, que causaram estragos pontuais, embora a sua presença seja menor do que no ano anterior.

Na cultura do arroz, não se verificaram ocorrências significativas em termos de doenças e pragas. Apenas foi identificada a presença pontual de afídeos verdes e de lagarta desfolhadora, com níveis de ataque economicamente não preocupantes. Em algumas variedades verificou-se o aparecimento de *Fusarium* (gigantismo). Em termos de infestantes, continuou a registar-se uma forte presença de milhãs (*Echinochloa* spp.) e de arroz bravo. Registaram-se ocorrências pontuais provocadas por javalis. Nos canteiros de arroz continuaram presentes algumas aves, tais como patos, gaivotas, íbis e flamingos.

Nas culturas de feijão e de grão de bico não se registaram ocorrências de relevância.

Na cultura de tomate para indústria, devido às temperaturas elevadas verificou-se alguma pressão de pragas, que foram eficazmente controladas. Os tratamentos efetuados, permitiram manter o bom estado fitossanitário da cultura e o mês decorreu sem incidentes relevantes.

No girassol, a aproximar-se do final do ciclo, não foram identificadas ocorrências significativas.

Na cultura de melão, continuou a verificar-se alguma incidência de oídio devido às temperaturas elevadas e a alguns dias de maior humidade noturna. Com o calor continuaram a ocorrer alguns ataques de mosca branca. Os tratamentos fitossanitários permitiram um controlo eficaz das doenças e pragas.

Na batata não se verificaram problemas fitossanitários relevantes. Pontualmente, surgiram as situações habituais nesta fase da cultura, que foram controladas e não tiveram impacto na produção global.

Grande Lisboa

Nas vinhas de uva para vinho, apesar das temperaturas elevadas o estado fitossanitário geral manteve-se bom, não tendo sido registados problemas relevantes associados a pragas ou doenças. Verificou-se apenas uma presença ligeira de oídio, controlada devido à eficácia dos tratamentos fitossanitários realizados anteriormente. Deu-se continuidade aos tratamentos preventivos contra oídio e mildio, contribuindo para a manutenção do bom estado sanitário da cultura. Relativamente às pragas, não foram observadas ocorrências com impacto significativo. Contudo, mantém-se a necessidade de vigilância da cigarrinha verde, cuja presença poderá assumir maior expressão durante o mês de agosto, face à evolução das condições meteorológicas e ao avanço do ciclo vegetativo. Em algumas variedades foram observadas situações de desavinho, com expressão variável entre parcelas, condicionando pontualmente a constituição dos cachos. Apesar destas ocorrências, a generalidade das vinhas apresentava cachos em bom estado sanitário e potencial produtivo satisfatório.

Nas vinhas de uva de mesa, manteve-se a realização de tratamentos fitossanitários preventivos contra oídio, mildio e podridão cinzenta (*Botrytis cinerea*), com o objetivo de preservar o estado sanitário dos cachos e assegurar a qualidade da produção. A variedade Sagraone apresentou, contudo, problemas significativos associados à presença de *Botrytis cinerea*, verificando-se perdas relevantes na qualidade dos bagos. Atendendo à elevada suscetibilidade desta variedade à doença e à recorrência dos problemas observados, está a ser ponderado, em algumas parcelas, o arranque e substituição da Sagraone pela variedade ARRA 30, como medida de adaptação do sistema produtivo. Entre os principais problemas de natureza biótica identificados destaca-se ainda a presença de aves, que constituem um fator de risco para a produção, particularmente durante a fase de maturação dos frutos. Como medida de proteção foram instalados equipamentos acústicos/sonoros destinados ao afastamento das

aves, procurando reduzir os prejuízos provocados pela alimentação nos cachos.

Nas pomóideas em geral, o fogo bacteriano continuou a progredir apesar das operações de limpeza e remoção de material vegetal afetado, tendo sido observada uma incidência nas macieiras superior à registada em campanhas anteriores. Relativamente às pragas, a psila da pereira apresentou uma intensidade entre baixa e média, enquanto se registaram elevadas capturas de *Cydia*. A eficácia dos tratamentos aplicados contra a estenfiliose foi considerada média a baixa, justificando a necessidade de manutenção da vigilância dos pomares e de acompanhamento da evolução da doença. O pedrado da macieira apresentou igualmente uma pressão elevada, com sintomas observados tanto nas folhas como nos frutos. As condições de humidade verificadas em determinados locais favoreceram o desenvolvimento de novas infeções.

Nos pomares de limão, durante o mês verificou-se um aumento da intensidade da traça do limoeiro, mantendo-se a necessidade de acompanhamento da evolução desta praga e dos seus efeitos sobre o desenvolvimento vegetativo e a produção.

No olival, no início do mês foi observada uma ligeira incidência de mosca da azeitona, sobretudo nas variedades e parcelas mais precoces, cujos frutos apresentavam já maior calibre e, consequentemente, maior suscetibilidade à instalação da praga. A adoção de estratégias preventivas e dissuasoras de controlo revelou-se eficaz na redução da atividade da praga.

No milho, de uma forma geral, o estado fitossanitário da cultura foi considerado satisfatório, tendo os tratamentos preventivos realizados demonstrado eficácia no controlo dos principais problemas fitossanitários. Relativamente às infestantes, não se registaram problemas significativos com figueira do inferno (*Datura stramonium*). Contudo, mantém-se a preocupação com a proliferação de milhãs (*Echinochloa* spp.). Não foram observados problemas relevantes associados a nanismo do milho, mantendo-se a cultura

sem sintomas que justificassem preocupação neste domínio. No que respeita à fauna selvagem, foram identificados indícios da presença de javalis, nomeadamente através da observação de pegadas. Contudo, não foram registados danos de expressão significativa na cultura. Globalmente, as searas apresentavam bom estado vegetativo e fitossanitário, embora se mantenha necessária a monitorização da evolução das infestantes, em particular das milhãs, e da eventual ocorrência de danos provocados por fauna selvagem.

No arroz, de um modo geral a cultura apresentou bom estado fitossanitário, não se tendo registado pragas ou doenças com expressão muito significativa. Foram observadas presenças pontuais de afídeos verdes e de lagartas desfolhadoras, cujos níveis de infestação se mantiveram abaixo do limiar de intervenção. Relativamente às infestantes, verificou-se uma forte presença de milhã (*Echinochloa* spp.) e, em algumas parcelas, de leptocloa (*Leptochloa* spp.). Em determinados casos, as mondas e os tratamentos herbicidas realizados no mês anterior revelaram eficácia limitada, persistindo infestações localizadas. Atendendo ao estado de desenvolvimento da cultura, no presente mês a realização de novos tratamentos herbicidas deixou de ser tecnicamente aconselhável nesta fase do ciclo. Refira-se ainda que o aumento significativo do custo dos herbicidas constitui um fator de preocupação para os produtores, condicionando a avaliação da relação custo/benefício das intervenções de controlo. No que respeita à fauna selvagem, registaram-se danos localizados provocados por javalis, sobretudo através da escavação de muros de alguns canteiros, embora sem expressão significativa na produção. A presença de flamingos e patos, observada no início da campanha, deixou de assumir relevância nesta fase do desenvolvimento da cultura. Em contrapartida, verificou-se a presença de cegonhas, que provocaram danos pontuais por espezinhamento das plantas em algumas parcelas.

No tomate para indústria, o estado fitossanitário da cultura foi, de um modo geral, satisfatório, tendo prosseguido a realização de tratamentos fitossanitários preventivos ao longo do mês. As principais preocupações centraram-se nos fungos do solo, cuja incidência se revelou mais significativa nas parcelas onde a cultura do tomate é instalada de forma sucessiva, sem recurso à rotação de culturas. Estes fungos são considerados agentes responsáveis pelo tombamento de plantas, podridões do colo e murchidões vasculares, doenças que comprometem a circulação de seiva e podem provocar perdas significativas de produção. Nas parcelas onde foi efetuada rotação cultural, nomeadamente com milho, a incidência destes fungos revelou-se substancialmente inferior, confirmando a importância desta prática. Contudo, a adoção de rotações continua a ser limitada, devido à menor rentabilidade económica das culturas alternativas. Acresce que os produtos fitofarmacêuticos disponíveis para o controlo destes agentes apresentam custos elevados, pelo que a sua utilização é restringida ao estritamente necessário. Relativamente às pragas, no final do mês observaram-se os primeiros focos de traça do tomateiro (*Tuta absoluta*), bem como a presença de afídeos e do ácaro do bronzeamento, embora sem níveis de infestação preocupantes. Atendendo ao aumento da área em colheita no próximo mês e às condições meteorológicas favoráveis, prevê-se, contudo, um acréscimo da pressão destas pragas, pelo que é recomendável a sua monitorização. No que respeita às infestantes, registou-se, em algumas parcelas, a presença de figueira do inferno e de erva moira. Esta última assume particular importância por competir intensamente com a cultura pelos recursos disponíveis e por constituir um hospedeiro alternativo da traça do tomateiro, podendo favorecer a persistência da praga nas parcelas. Para além disso, dificulta a colheita mecanizada, pelo que o seu controlo continua a ser determinante para a manutenção da produtividade e da qualidade da produção. Relativamente aos danos provocados por fauna selvagem, deixou de se verificar o problema de fitas de rega danificadas por corvos,

observado no mês anterior, uma vez que o desenvolvimento da folhagem passou a assegurar a cobertura e proteção do sistema de rega.

No pimento para indústria, ao longo do mês prosseguiu a realização de tratamentos fitossanitários preventivos, dirigidos ao controlo de lagartas, oídio e mosca branca. A mosca branca continuou a constituir o principal problema fitossanitário da cultura, devido à maior dificuldade do seu controlo e ao potencial impacto que pode ter no desenvolvimento das plantas e na qualidade da produção. Embora a incidência de oídio se tenha mantido sob controlo, prevê-se um aumento do risco de infeção durante o mês de agosto caso se verifiquem condições de elevada humidade nas primeiras horas do dia, recomendando-se a manutenção da vigilância fitossanitária e a adoção das medidas de proteção adequadas.

No melão, a cultura apresentou um bom estado sanitário, não tendo sido registadas ocorrências relevantes de pragas ou doenças. Mantiveram-se, contudo, danos provocados por roedores, nomeadamente texugos e ratos, que afetaram alguns frutos. Como medida de mitigação, procedeu-se à instalação de armadilhas (ratoeiras), com o objetivo de reduzir a pressão destes animais e minimizar as perdas de produção.

Península de Setúbal

Na vinha, a situação manteve-se, de um modo geral, favorável, não se tendo registado problemas generalizados com impacto significativo na cultura, pelo que no geral as uvas apresentavam bom estado sanitário. Foram assinaladas situações localizadas de míldio em cachos. O oídio foi observado apenas de forma pontual, com incidência nos cachos e algum impacto na produção. A podridão negra (Black Rot) e a *Botrytis* não registaram incidência significativa. Relativamente a pragas, que se mantiveram sob monitorização e controlo, verificou-se, em algumas vinhas, um aumento

das populações de cigarrinha verde. Também foram registados aumentos nos níveis populacionais da traça da uva (*Lobesia botrana*) e da traça dos cachos (*Cryptoblabes gnidiella*), situação que suscita preocupação devido aos potenciais prejuízos que estas pragas possam causar na cultura.

Nos pomares de pomóideas o estado sanitário manteve-se globalmente bom. As populações de afídeos, ácaros e pulgão lanígero apresentaram níveis reduzidos. A mosca do Mediterrâneo manteve-se sob monitorização com a instalação de armadilhas, não se tendo verificado níveis de infestação preocupantes, registando-se menor pressão da praga face a campanhas anteriores. Relativamente a doenças, a estenfiliose na pereira manteve-se controlada e sem impacto relevante. Na macieira observaram-se alguns sintomas de pedrado, em frutos da cultivar Gala, sem evolução significativa. Quanto ao fogo bacteriano, foram identificados apenas sintomas pontuais, favorecidos pelas condições de tempo seco, não se verificando progressão da doença.

No que diz respeito às tangerineiras, o estado fitossanitário era satisfatório, sem prejuízos relevantes para a cultura. Manteve-se a monitorização regular das principais pragas presentes. Verificou-se a presença de alguma lagarta mineira dos citrinos em folhas jovens, embora em quantidade reduzida e sem impacto relevante no desenvolvimento das plantas. Verificou-se a existência de alguns afídeos nas folhas mais jovens, com incidência baixa e localizada, não tendo sido observados danos significativos. A presença de cochonilha manteve-se em algumas parcelas, com níveis de infestação reduzidos e sob acompanhamento.

No amendoal, a situação manteve-se globalmente favorável. As principais doenças fúngicas, nomeadamente a gomose, a antracnose e a moniliose, encontravam-se controladas, sem impacto significativo na cultura. No que respeita às pragas, verificou-se a presença de cigarrinha em níveis elevados, não se tendo observado, contudo, prejuízos relevantes. Relativamente a ácaros, não foram identificadas ocorrências.

Na cultura de milho para grão, de um modo geral, a situação sanitária era favorável. No que respeita a pragas, a lagarta desfolhadora registou alguma incidência no início do ciclo cultural, tendo sido eficazmente controlada através de tratamentos fitossanitários, sem consequências relevantes para a cultura. A cigarrinha verde manteve-se sob vigilância ao longo do ciclo, tendo sido efetuado o controlo sempre que necessário. De um modo geral, as populações permaneceram controladas e abaixo do NEA. Sendo esta praga um importante vetor de transmissão do vírus responsável pelo nanismo, também esta incidência se verificou controlada e inferior à observada na campanha anterior. Relativamente às infestantes, a figueira do inferno (*Datura stramonium*) foi identificada pontualmente em algumas parcelas. No geral o seu controlo foi eficaz. Contudo, nalguns casos verificaram-se novas emergências, favorecidas pela mobilização do solo provocada pelos javalis ou pela dispersão de sementes durante episódios de cheia anteriores, recorrendo-se ao arranque manual e destruição das plantas. De salientar os prejuízos significativos causados pelos javalis, que nalguns casos provocaram o acamamento das plantas e a destruição de parcelas, comprometendo a viabilidade da colheita. De referir que no caso do milho para silagem a situação fitossanitária era semelhante à referida para o milho grão, não havendo diferenças relevantes na incidência de pragas e doenças.

Na cultura do arroz verificou-se elevada incidência de lagarta, tendo sido realizados tratamentos fitossanitários que apresentaram boa eficácia, resultando na eliminação da praga. Relativamente a piolhos, não foi observada a sua presença. Atendendo ao estado de desenvolvimento da cultura, com folhas já endurecidas, considera-se pouco provável que a praga venha ainda a causar problemas significativos. No que respeita às doenças e face às condições propícias ao desenvolvimento do fungo, começaram a observar-se sintomas de *Pyricularia oryzae*, tendo-se efetuado a realização de tratamentos fitossanitários. A sua

evolução continuará a ser acompanhada. Em relação às infestantes, verificou-se uma forte pressão, sobretudo de milhãs. As operações de monda realizadas têm revelado reduzida eficácia, afetando mais a cultura do arroz do que as próprias infestantes, o que dificulta o seu controlo. Quanto à fauna, verificou-se uma diminuição da presença de cegonhas e de outras aves, prevendo-se que aumente novamente quando o grão estiver formado e com o aparecimento dos lagostins nos arrozais. Os prejuízos provocados por javalis continuam a ser muito significativos. A sua presença é praticamente diária, causando danos pelo consumo das folhas e pelo acamamento do arroz. Os animais deslocam-se aos arrozais maioritariamente durante a noite, frequentemente em grupo de vários elementos.

Na cultura de tomate para indústria a situação fitossanitária era, de um modo geral, considerada normal. Foram observados alguns casos de doenças do solo, sobretudo em determinadas variedades e em parcelas com histórico de ocorrências. Verificou-se a presença pontual de mildio, favorecida por manhãs mais frescas e húmidas. A incidência de *Tuta absoluta* encontrava-se controlada, não se registando prejuízos significativos. Foi também observada presença de mosca branca, cuja gestão revelou alguma dificuldade. Contudo, a pressão da praga manteve-se em níveis reduzidos, sem impacto relevante na cultura.

Na cultura da batata mantém-se o referido no relatório anterior: *"A campanha da batata precoce e de indústria decorreu sem problemas fitossanitários assinaláveis, registando-se uma reduzida incidência de mildio e de escaravelho da batateira, o que beneficiou a qualidade da batata colhida."*



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de

alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, as pastagens de sequeiro, espontâneas e semeadas, continuaram a apresentar uma disponibilidade muito reduzida de alimento para os animais por se encontrarem já muito secas, devido às temperaturas elevadas no início do mês e por se encontrarem em fim de ciclo. Nos campos ainda se observavam alguns fenos enfardados por armazenar, colhidos no mês anterior. Foram realizados cortes de forragens de primavera, como erva do Sudão. Com menor autoaprovisionamento de forragens de outono-inverno, os produtores pecuários preveem equilibrar as suas necessidades de alimento para os animais com o reforço de silagem de milho e com a antecipação das próximas sementeiras de forragens, observando-se já alguns campos gradados.

Na região, a área instalada de milho para silagem é um pouco superior à do ano anterior. Além da produção própria, os produtores pecuários compram habitualmente produção fora da região. As searas de milho apresentavam-se vigorosas, encontrando-se ainda na fase vegetativa, a desenvolver folhas. Os campos mais adiantados apresentavam plantas com cerca de 170cm de altura e os mais atrasados com cerca de 10cm. Houve boa disponibilidade de água para a cultura. A colheita está prevista para a segunda metade de setembro ou início de outubro. A perspetiva geral é de uma boa produção, embora ainda falte bastante tempo até à colheita.

As condições de alimentação das espécies pecuárias mantinham-se semelhantes a igual período do ano anterior. Os bovinos com aptidão para carne, que se encontravam em pastoreio, estavam a ser suplementados com fenos, devido à reduzida oferta de alimento nas pastagens. As espécies pecuárias estabuladas com aptidão de leite, mantinham o habitual

equilíbrio entre alimentação natural conservada (fenos, silagem e fenossilagem) e rações industriais. Alguns produtores pecuários mantinham um reforço de silagem de milho na alimentação dos animais devido à menor qualidade do azevém. Os custos de produção pecuária permaneceram elevados.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro, tal como habitual nesta época do ano, encontravam-se com as plantas completamente secas e espigadas. Os prados de regadio estavam nesta fase do ano em crescimento vegetativo mais reduzido, em consequência dos dias de calor sentidos na região e noites mais curtas, contudo, mantêm-se em bom estado, tal como em igual período do ano anterior.

Relativamente às culturas forrageiras, no final do mês houve oportunidade para proceder a novos cortes para silagem, que na maior parte das culturas correspondia ao segundo corte do ano.

Quanto às condições de alimentação das espécies pecuárias, uma parte dos bovinos em regime extensivo encontrava-se em pastoreio, a consumir pastos secos e alguns prados de regadio, enquanto outros já consumiam fenossilagem. No final do mês a alimentação dos animais para recria já era à base de concentrados, fenos e fenossilagem.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as pastagens de sequeiro encontravam-se secas, situação normal para a época do ano, em resultado das condições meteorológicas registadas no mês, marcadas por temperaturas elevadas e precipitação praticamente nula. Estas pastagens encontravam-se a ser pastoreadas. Nos prados de regadio, estavam a decorrer cortes, verificando-se em muitas áreas a realização do segundo corte para fenossilagem.

Os campos de milho para silagem apresentavam um bom desenvolvimento, com a fase de floração

terminada. As plantas estavam bastante adiantadas, prevendo-se o início das colheitas mais cedo do que no ano passado. Os fenos destinados a enfardamento, encontravam-se praticamente recolhidos e armazenados.

Os bovinos de raça brava continuaram a alimentar-se nas tapadas destinadas ao pastoreio direto, incluindo restolhos. Continuava a haver abundância de fenos, não sendo ainda necessário recorrer a outro tipo de alimentação. Os bovinos em regime extensivo, com aptidão de carne, mantinham-se em pastoreio e suplementados com fenos. Os animais estabulados, em especial com aptidão leiteira, mantinham os regimes alimentares habituais. Algumas explorações pecuárias ainda dispunham de stocks do ano anterior com disponibilidade suficiente de silagens.

Na **Grande Lisboa**, no final do mês as pastagens de sequeiro encontravam-se secas, apresentando os respetivos ciclos vegetativos encerrados, situação considerada normal para a época do ano. Em contrapartida, as pastagens de regadio mantinham-se em bom estado vegetativo, beneficiando da disponibilidade de água para rega. Verificou-se uma menor quantidade de feno, palha e fenossilagem para a alimentação das espécies pecuárias relativamente ao ano anterior, prevendo-se uma suplementação alimentar com rações industriais para o mês de setembro.

No início do mês encontrava-se concluído o corte da consociação de azevém e ervilhaca destinada à produção de feno. A produtividade foi inferior face ao valor considerado normal. A quebra de produtividade esteve associada, sobretudo, às condições de excesso de humidade verificadas durante o período invernal, que condicionaram o desenvolvimento das plantas e dificultaram a realização atempada das operações culturais e da colheita. O excesso de água no solo terá provocado situações de asfixia radicular, com particular incidência na componente de leguminosa,

nomeadamente na ervilhaca, contribuindo para uma menor densidade de plantas e para a redução da produção final. O corte foi efetuado tardiamente, em consequência das condições de elevada humidade do solo. Para além da menor produtividade, a qualidade do feno obtido ficou aquém do expectável, designadamente devido à menor presença de ervilhaca na consociação.

As condições observadas nesta campanha evidenciaram um comportamento atípico das culturas forrageiras, resultante da conjugação de um período invernal muito húmido com condições de temperatura elevada e reduzida precipitação posteriormente verificadas.

Relativamente à fenossilagem, mantém-se a redução da produtividade observada na presente campanha. Contudo, a qualidade do produto obtido é considerada superior, apresentando maiores teores proteicos, o que constitui um fator favorável para a alimentação do efetivo pecuário. A presença de infestantes foi, em geral, reduzida, não se tendo observado uma infestação significativa por espécies como malva, margaça ou labaga. Registou-se, contudo, alguma presença de anafa.

De um modo geral, os fenos obtidos apresentaram uma maior proporção de gramíneas relativamente às leguminosas. Esta composição estará relacionada com a maior sensibilidade das leguminosas às condições de excesso de água e consequente asfixia radicular verificadas durante o inverno, que terão afetado de forma mais acentuada a sua persistência e desenvolvimento.

Durante o mês procedeu-se igualmente à fertilização dos terrenos com chorume, no âmbito das operações de manutenção da fertilidade dos solos.

Face à reduzida disponibilidade de pastagem, o efetivo pecuário mantido em regime extensivo continuou a ser suplementado com feno e fenossilagem, não tendo sido necessário recorrer à utilização de rações industriais.

Na **Península de Setúbal**, no final do mês as pastagens apresentavam-se muito secas em consequência da ausência de precipitação e das temperaturas elevadas, traduzindo-se em decréscimo acentuado de disponibilidade de alimento para os animais. No entanto, e à semelhança do mês anterior, em situações mais favoráveis, as pastagens continuavam a disponibilizar quantidade suficiente de alimento para assegurar o pastoreio do efetivo.

Relativamente às culturas forrageiras de outono-inverno, na produção de silagem as produtividades obtidas foram semelhantes às verificadas na campanha anterior. Em algumas situações, foi necessário antecipar os cortes, de forma a evitar a perda de qualidade da forragem por desidratação excessiva devido às elevadas temperaturas e secagem do solo. No que respeita aos fenos, os cortes decorreram maioritariamente durante os meses de junho e julho. Verificou-se um decréscimo da produtividade relativamente a 2025. O desenvolvimento vegetativo inicial foi seguido de uma evolução rápida, levando a uma maior fibrosidade do material vegetal e consequente redução da qualidade.

Conforme referido anteriormente relativamente às culturas forrageiras de outono-inverno, a precipitação prolongada inviabilizou, em muitos casos, a realização do primeiro corte, tendo várias parcelas produzido apenas um corte. Esta redução da disponibilidade de forragem para alimentação animal durante o período de inverno aumentou a necessidade de recorrer às culturas forrageiras de primavera-verão, nomeadamente ao milho para silagem.

No final do mês o milho para silagem apresentava bom desenvolvimento vegetativo, prevendo-se que a colheita decorra entre o final de agosto e outubro, em função das diferentes datas de sementeira.

Relativamente à erva do Sudão, as sementeiras decorreram durante os meses de maio e junho, destinando-se a produção ao corte para conservação. Prevê-se a realização de três cortes durante a

campanha. O primeiro corte foi efetuado em meados deste mês. O segundo corte está previsto para meados de agosto, estimando-se que apresente maior produtividade. O terceiro e último corte deverá ocorrer em meados de setembro, prevendo-se uma redução da produtividade, associada à diminuição do fotoperíodo e das condições de crescimento.

Nas condições mais favoráveis, que permitiram o aproveitamento direto das pastagens, a suplementação alimentar ainda não tinha sido iniciada, mantendo-se os animais exclusivamente em regime de pastoreio. Caso se mantenham condições adequadas de disponibilidade e qualidade das pastagens, prevê-se que o início da suplementação possa ser adiado para setembro ou, eventualmente, outubro. Noutros casos, a alimentação do efetivo tem sido complementada com feno e palhas provenientes deste ano, bem como da campanha anterior, quando ainda dispunham de reservas armazenadas.

Relativamente à disponibilidade e à qualidade das forragens de outono-inverno, de um modo geral, as condições foram menos favoráveis do que as observadas no ano anterior. A ocorrência de precipitação intensa e fora de época, temperaturas elevadas e consequente aumento da secura, condicionou negativamente o seu desenvolvimento. Assim, tanto a produção como a conservação das forragens foram afetadas, prevendo-se uma menor disponibilidade de reservas, sendo as perspetivas para o seu armazenamento significativamente inferiores às verificadas no ano anterior.



**Cereais praganosos de outono
inverno: produção quanto a aspetos de
quantidade: rendimento e qualidade
dos produtos**

No **Oeste**, as colheitas de trigo e de cevada encontravam-se praticamente concluídas no final do

mês. O tempo seco e quente na fase final do ciclo das culturas, prejudicou o desenvolvimento dos grãos, principalmente nas searas mais tardias, que apresentaram um calibre baixo. A maior parte da produção não apresentava qualidade para panificação e foi encaminhada para ração. A produtividade média foi menor do que o estimado. No trigo, situou-se ao nível do ano anterior, menor do que num ano médio. Na cevada, situou-se abaixo do ano anterior, que foi um ano fraco.

No **Médio Tejo**, realizou-se a colheita de cevada já muito tardiamente quando comparado com um ano normal, tendo a mesma ficado concluída em meados de julho. A operação de colheita decorreu dentro da normalidade. Ficou assim em meados do mês terminada a colheita das culturas cerealíferas na região. Verificou-se na cultura de cevada uma produtividade semelhante à do ano anterior. Os grãos de cevada dística (mais praticada na região) destinada à indústria cervejeira, apresentavam aparentemente uma boa qualidade. A produção estava na totalidade entregue na indústria e aguardava a avaliação dos parâmetros de qualidade para o apuramento de preços a pagar aos produtores. Relativamente ao trigo mole, verificou-se uma produtividade superior à registada no ano anterior, em resultado das condições climáticas verificadas nos últimos meses, que foram muito favoráveis ao desenvolvimento das culturas, bem como da reduzida pressão fitossanitária. Estas condições proporcionaram um bom enchimento dos grãos e contribuíram para a obtenção de valores muito favoráveis de peso específico. Os grãos caracterizaram-se com excelentes parâmetros de qualidade para panificação.

Na **Lezíria do Tejo** e **Baixo Sorraia**, durante o mês decorreram as colheitas das culturas cerealíferas, as quais ainda não se encontravam terminadas. Tal como se previa, verificou-se heterogeneidade na qualidade do cereal colhido. A produção apresentou boa qualidade em algumas searas e noutras a qualidade foi inferior,

dependendo da localização e da exposição da cultura ao excesso de água no solo durante o inverno. Em termos gerais as produtividades apresentaram-se baixas, um pouco inferiores ao perspectivado antes do início da colheita. Os preços pagos ao produtor mantinham-se baixos.

Na **Grande Lisboa**, a cevada de regadio, de ciclo curto, semeada tardiamente, no mês de maio, encontrava-se no final do mês em fase de formação e enchimento do grão, apresentando reduzido desenvolvimento da componente vegetativa, nomeadamente baixa produção de palha. Não foram registadas restrições na disponibilidade de água para rega, tendo as necessidades hídricas da cultura sido asseguradas ao longo do ciclo cultural. A colheita encontrava-se prevista para o mês de agosto, dependendo a sua concretização da evolução da maturação do grão e das condições meteorológicas verificadas no período que antecede a ceifa. A reduzida produção de palha observada estará principalmente associada à sementeira tardia e ao ciclo curto da cultura, que limitaram o desenvolvimento vegetativo antes da entrada na fase reprodutiva.

Na **Península de Setúbal**, o tritcale foi colhido durante este mês. As condições meteorológicas adversas verificadas ao longo da campanha, em particular na fase inicial, marcada por precipitação muito elevada, condicionaram a instalação da cultura. O excesso de humidade provocou o apodrecimento de sementes e de plântulas após a sementeira, tornando necessário ressemear algumas parcelas. Por outro lado, o grão secou prematuramente, sem desenvolvimento posterior. Como consequência destas condições, o desenvolvimento da cultura foi irregular ao longo do ciclo vegetativo, refletindo-se na produtividade final, que foi inferior à registada na campanha anterior.

Também para a aveia e trigo prevê-se um decréscimo semelhante na produtividade, face às mesmas condicionantes verificadas durante a campanha.



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Vinha

No Oeste, a maior parte das vinhas de uva para vinho encontravam-se no estado fenológico M – Pintor. Em geral, a cultura estava adiantada no ciclo vegetativo cerca de uma semana a dez dias, situação que era mais evidente nas castas brancas Fernão Pires e Seara Nova e nas tintas Castelão, Tinta Roriz e Caladoc. Em algumas adegas prevê-se o início da vindima nos últimos dias de agosto, cerca de uma semana mais cedo do que no ano anterior, e noutras mais para meados de setembro, no entanto o próximo mês será decisivo para a efetiva calendarização. Devido à quantidade e boas condições sanitárias da uva, estima-se uma produtividade correspondente à de um ano médio, bastante superior à do ano anterior (que foi de quebra). O ano apresentou condições que perspetivam uma boa qualidade da produção (as vinhas dispuseram de recursos hídricos para um bom desenvolvimento vegetativo), prevendo-se a obtenção de bons graus alcoólicos. No entanto, a tendência de reduzida precipitação, a manter-se até à vindima, poderá comprometer a qualidade das uvas, uma vez que o aumento significativo do *stress* hídrico da videira resultará em pouca acumulação de fotoassimilados (açúcares produzidos pela planta através do processo de fotossíntese) nas uvas e emurhecimento das mesmas, com consequente paragem da maturação.

Nas vinhas de uva de mesa, as variedades mais precoces como a Cardinal (uva preta com grainha), a Sugraone e a ARRA 30 (uvas brancas sem grainha), encontravam-se no estado fenológico N – Maturação, tendo a colheita sido iniciada na segunda metade do mês. As variedades mais tardias encontravam-se no estado fenológico L – Cacho Fechado. A produção em colheita apresentava boa qualidade. Nas variedades mais tardias, como a Red Globe e a Dona Maria, prevê-se perda de produção e de qualidade por efeito de escaldão solar. Em termos globais, estima-se uma produtividade mais elevada do que no ano anterior.

No Médio Tejo, as vinhas para vinho apresentavam um bom estado e encontravam-se na generalidade em plena maturação. A vindima foi iniciada nos últimos dias do mês nas castas mais precoces. Estima-se um ano de muito boa produção, quer em termos de quantidade quer de qualidade.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, as vinhas para vinho na generalidade apresentavam um adiantamento do seu ciclo vegetativo, encontrando-se maioritariamente no estado fenológico N – Maturação. O início da vindima está previsto para a primeira semana de agosto e irá arrancar com a colheita da casta Fernão Pires. Mantém-se a perspetiva de um aumento significativo de produtividade comparativamente ao ano anterior, que foi um ano de produção inferior a um ano médio.

As vinhas para uva de mesa apresentavam-se em bom estado, com exceção de algumas variedades mais tardias que se encontravam em estados fenológicos anteriores ao Pintor, afetadas pelo calor extremo registado no princípio do mês. As variedades mais precoces, como a Sugraone e ARRA 30 nas uvas brancas, e a Cardinal nas uvas tintas, encontravam-se no estado fenológico N – Maturação, tendo a colheita sido iniciada em meados do mês. Estima-se um aumento de

produtividade comparativamente ao ano anterior, atendendo à boa quantidade de cachos.

Na Grande Lisboa, durante o mês as vinhas de uva para vinho apresentaram, de forma geral e homogênea, bom desenvolvimento vegetativo, com particular expressão nas castas brancas. A maioria das parcelas encontrava-se no estado fenológico M – Pintor, verificando-se, em algumas castas, a transição para o início da maturação fisiológica das uvas. Para as castas Castelão e Tinta Roriz prevê-se a conclusão da maturação e a entrada em condições de colheita para o final de agosto. Contudo, as temperaturas elevadas registadas durante o mês condicionaram a evolução normal da maturação, pelo que se prevê que a vindima possa ocorrer mais tarde do que em campanhas anteriores. Em termos globais, a cultura apresentou um bom estado vegetativo e fitossanitário, embora a ocorrência de temperaturas muito elevadas tenha provocado danos pontuais por escaldão e condicionado o normal desenvolvimento da maturação. A evolução da cultura deverá continuar a ser acompanhada, particularmente no que respeita à maturação das uvas, incidência de escaldão e eventual aparecimento de cigarrinha verde, fatores que poderão influenciar a produtividade e a data de início da vindima.

Na cultura da vinha para uva de mesa, de uma forma geral as variedades encontravam-se a evoluir, verificando-se, nas mais precoces, nomeadamente nas variedades brancas sem grainha, o início da maturação. No que respeita ao estado fitossanitário, a cultura apresentava, de um modo geral, bom estado sanitário e boa qualidade dos frutos. Apesar dos danos pontuais provocados pelas temperaturas elevadas e da incidência localizada de podridão cinzenta, a avaliação global da cultura é positiva, quer relativamente ao estado fitossanitário, quer à qualidade da produção. As estimativas apontam para uma produtividade global superior à registada no ano anterior, embora a evolução das condições meteorológicas e o comportamento das

diferentes variedades durante a maturação possam ainda influenciar o resultado da campanha.

Na Península de Setúbal, de uma forma geral, a evolução da cultura da vinha para vinho decorreu de forma satisfatória. Registaram-se, pontualmente, casos localizados de queima dos cachos e alguns focos de podridão, sem expressão generalizada. Relativamente ao estado fenológico, verificou-se uma evolução normal para a época. As castas tintas encontravam-se maioritariamente no estado M - Pintor, com os cachos praticamente pintados na Castelhão. As castas brancas, nomeadamente a Fernão Pires, encontravam-se, na sua maioria, em fase de N - Maturação. De um modo geral, a mostra de cachos era considerada boa, as expectativas em termos de quantidade são positivas, perspetivando-se uma campanha com níveis de produção satisfatórios, superiores ao registado na campanha anterior. A qualidade da produção dependerá das condições meteorológicas e da evolução da maturação até à vindima. Prevê-se que o início da vindima ocorra a partir da primeira quinzena de agosto, com as castas brancas, prolongando-se a vindima das castas tintas para setembro. Mantém-se a preocupação dos viticultores relativamente ao preço da uva pago ao produtor, considerado insuficiente para compensar o aumento dos custos dos fatores de produção registado ao longo da presente campanha, com reflexos na rentabilidade das explorações.

Pomóideas

No Oeste, no final do mês os pomares de pera e de maçã apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo e um desenvolvimento dos frutos um pouco mais lento do que o habitual. Durante o mês decorreram as colheitas das variedades mais precoces de pera, designadamente da Moretini, Vitória e Coscia. O arranque da colheita da pera Rocha e das maçãs Galas está previsto para a segunda semana de agosto. As peras e as maçãs em

geral apresentam boa qualidade. Houve perda de produção causada por escaldão solar, mais significativa nas maçãs por serem mais sensíveis ao calor, em especial da Reineta. Em termos de rendimento da produção, estima-se um aumento significativo de produtividade na pera Rocha. Na maçã perspetiva-se uma produtividade semelhante ou ligeiramente menor do que no ano anterior. Os calibres estão baixos, o que diminui a perspetiva de rendimento da cultura. O escaldão solar e os problemas radiculares causados pelo excesso de água no inverno interferiram no calibre das maçãs que se esperam inferiores ao habitual.

Na Grande Lisboa, durante o mês as pomóideas apresentaram, de um modo geral, um bom desenvolvimento vegetativo e evolução dos frutos, embora a taxa de crescimento tenha sido inferior ao expectável, em consequência das temperaturas elevadas registadas ao longo do mês. A maturação dos frutos encontrava-se globalmente próxima do considerado normal para a época, prevendo-se o início da colheita das maçãs do grupo Gala e das peras da variedade Rocha em meados de agosto. Relativamente às pereiras, procedeu-se à colheita das peras das variedades Moretini, Vitória e Coscia. As condições de maturação apresentaram-se próximas das de um ano normal. O vingamento e o potencial produtivo nas pomóideas foram condicionados pela elevada incidência de fogo bacteriano, pelo que, nesta fase, não é possível estabelecer com segurança uma estimativa de produção com base na taxa de vingamento.

Na Península de Setúbal, as macieiras e pereiras apresentavam bom desenvolvimento e bom estado fitossanitário, mantendo-se boas perspetivas para a campanha, tanto a nível da produção como da qualidade dos frutos. No que respeita à colheita, a da maçã iniciou-se a partir de meados do mês, prevendo-se o arranque generalizado entre o final de julho e o início de agosto. Perspetiva-se uma produção, de um modo geral,

superior à da campanha anterior, embora com calibres ligeiramente inferiores. Os frutos apresentavam bons valores de grau *brix* (teor de sólidos solúveis). Na pereira, a colheita deverá iniciar-se na primeira quinzena de agosto.

Prunoídeas

No Oeste, durante o mês houve colheitas de ameixas e de pêssegos. A maior parte da produção encontrava-se já colhida. No entanto, as variedades mais tardias, de pêssogo maracotão e de algumas ameixas, serão colhidas em agosto e setembro. O ano foi de boa produção para as prunoídeas devido à fase da floração e do vingamento terem corrido muito bem, e à menor intensidade de doenças e pragas. A produtividade das ameixas e dos pêssegos foi semelhante à de um ano normal e muito superior ao ano passado. Os frutos apresentaram bastante qualidade, com bom calibre, boa textura da polpa e *brix* elevado.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, houve colheita de ameixas e de pêssegos durante o mês. Nalgumas variedades mais precoces a colheita ficou terminada. As variedades mais tardias, de colheita em agosto e algumas em setembro, apresentavam frutos em maturação e frutos em desenvolvimento. Verificou-se em geral uma boa qualidade dos frutos e estima-se um aumento significativo da produtividade média comparativamente ao ano anterior, que foi um ano de produção baixa.

Na Grande Lisboa, durante o mês verificou-se o início da maturação dos frutos das variedades tardias de ameixeira, apresentando, nesta fase, boa qualidade organolética e bom estado fitossanitário. A evolução da maturação decorreu de forma favorável, não se tendo observado, no período em análise, problemas relevantes que comprometessem a qualidade da produção.

Na Península de Setúbal, a colheita das ameixas prosseguiu com normalidade, registando-se uma produção significativamente superior à da campanha anterior, apesar de casos pontuais de escaldão.

Citrinos

No Oeste, os pomares de limão apresentavam principalmente frutos em crescimento, ainda verdes, sendo já muito residual a presença de limão maduro nas árvores. Verificou-se queda de frutos devido a queimadura solar, ainda com algum significado. Os pomares apresentavam uma carga de frutos semelhante à de um ano normal. Algumas árvores mais afetadas pelo temporal ocorrido no início do ano, desenvolveram a rebentação folear, mas a intensidade da floração foi menor, apresentando menos frutos. A campanha poderá ser um pouco irregular devido aos estragos nos pomares causados pela tempestade Kristin, dos quais as árvores mais fustigadas ainda estão a recuperar. Com a subida das temperaturas houve necessidade de intensificar a rega, para a qual não se identificaram constrangimentos.

No Médio Tejo, os pomares de limão encontravam-se em bom estado, com um desenvolvimento regular. Os novos frutos estavam em crescimento, a ganhar volume.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall), apresentavam um estado vegetativo razoável. Com a descida das temperaturas e administração dos mesmos níveis de rega do mês anterior, verificou-se a melhoria progressiva do desenvolvimento vegetativo dos pomares. A queda fisiológica dos frutos (June Drop), observada no mês anterior, cessou no início de julho. Quanto à previsão da produtividade, ainda é um pouco cedo para uma estimativa. No entanto, face à favorável

evolução registada neste mês, poderá prever-se que seja um pouco superior à do ano anterior.

Na Grande Lisboa, nos pomares de limão a floração apresentou-se atrasada relativamente ao período habitual, situação atribuída à recuperação mais lenta das árvores após as condições adversas verificadas durante o inverno. Este atraso no ciclo vegetativo poderá repercutir-se na evolução da frutificação e, consequentemente, na época de colheita.

Na Península de Setúbal, no final do mês os limoeiros encontravam-se com os frutos em crescimento, ainda pequenos. A colheita deverá ocorrer a partir de outubro ou novembro.

Nos pomares de tangerineiras as plantações mantiveram-se maioritariamente na fase de crescimento do fruto, verificando-se um aumento contínuo do seu calibre e a evolução normal para a época. O desenvolvimento vegetativo prosseguiu com o crescimento da copa, especialmente nas plantações mais jovens.

Figueiras

No Médio Tejo, a colheita dos figos lampos (variedades Lampa Preta, Maia e Dauphine) encontrava-se concluída no final de junho. Verificou-se uma produção superior à de um ano normal, provocando constrangimentos na comercialização e no preço dos figos, devido a ser um produto muito perecível com fraco poder de conservação em frio. Os figos lampos apresentaram boa qualidade. Os figos vindimos no geral anteciparam a fase de maturação. A variedade Pingo de Mel evidenciou a entrada na fase de maturação mais cedo do habitual, em cerca de oito a dez dias, ou seja, na última semana de julho. No final do mês, iniciavam-se as colheitas dos figos vindimos na zona de Torres Novas, nas variedades Pingo de Mel e Preto de Torres Novas.

Na Grande Lisboa, prosseguiu a colheita de figo, tendo as condições meteorológicas verificadas durante o período não exercido influência significativa sobre a cultura. A produção colhida apresentou bom estado fitossanitário e qualidade adequada, não tendo sido observadas ocorrências relevantes suscetíveis de comprometer a comercialização dos frutos. Em termos quantitativos, a produção foi semelhante à registada no ano anterior, não se verificando variações significativas no rendimento da cultura.

Amendoal

No Médio Tejo, os pomares de amendoeiras encontravam-se com a amêndoa já totalmente formada e com a casca exterior seca, a rachar e abrir, prevendo-se a colheita para meados de agosto. A produtividade estima-se ser bastante superior à do ano anterior. Em termos de variedade, perspetiva-se uma melhor produtividade na Lauranne do que na Vairo, cujas expectativas inicialmente muito elevadas se viram desvanecidas devido ao abortamento de muitas flores e à diminuição substancial do vingamento dos frutos.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares encontravam-se na fase final de maturação dos frutos. A colheita está prevista iniciar-se no final da primeira semana de agosto. Os pomares que não foram afetados pelas cheias apresentam boa carga de frutos e a produção será bastante maior do que no ano anterior. Os que permaneceram muito tempo sujeitos a encharcamento devido às cheias, apresentam muito pouca produção. A produtividade média, estima-se que será um pouco maior do que no ano anterior. Nos pomares que sofreram inundação verifica-se que muitas árvores estão a morrer e irá haver arranque, não se perspetivando replantação.

Na Península de Setúbal, o amendoal apresentava bom desenvolvimento, com miolo de bom calibre. Mantêm-se as perspetivas de produção ligeiramente mais favoráveis do que as da campanha anterior, embora continue a ser insuficiente para compensar o aumento dos custos de produção. A colheita está prevista para a primeira semana de setembro.

Nogueiral

No Médio Tejo, as noqueiras no decorrer do mês foram finalizando o crescimento dos frutos, encontrando-se na fase de enchimento do miolo, sendo esta uma das fases mais críticas para valorização económica da produção. Estima-se uma produção semelhante à do ano anterior. Até ao final do mês, os frutos apresentavam uma distribuição equilibrada de calibres e elevada qualidade do miolo.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de noqueiras apresentavam os frutos com o crescimento já concluído. A cultura encontrava-se na fase de enchimento do miolo, uma das etapas mais críticas do ciclo produtivo, uma vez que condiciona significativamente a valorização económica da produção e o potencial produtivo final.

Olival

No Oeste, os olivais apresentavam um bom estado vegetativo. Nas primeiras semanas do mês finalizou-se o endurecimento do caroço da azeitona, sucedendo-se uma redução significativa da taxa de crescimento dos frutos. O estado de desenvolvimento da cultura não permitia ainda uma previsão da quantidade e da qualidade esperada da azeitona.

No Médio Tejo os olivais tradicionais, durante as primeiras semanas de julho, concluíram o

endurecimento do endocarpo, sucedido pela redução significativa da taxa de crescimento dos frutos. Em alguns olivais, cujas reservas hídricas do solo são menores, verificou-se uma maior queda de folhas velhas, estratégia natural da oliveira para reduzir a evapotranspiração e evitar o *stress* hídrico. Os olivais intensivos apresentavam um bom estado e encontravam-se nas fases de vingamento/crescimento dos frutos. Em termos quantitativos, prevê-se uma boa produtividade, em resultado do bom vingamento dos frutos. Nesta fase, é ainda prematuro prever a qualidade da azeitona.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os olivais na generalidade das variedades encontravam-se com os frutos em crescimento e a decorrer a lipogénese. Em termos quantitativos, nos olivais de sequeiro, estima-se uma boa produção, mas menor do que a do ano anterior. Nos olivais de regadio, espera-se uma produção semelhante à do ano anterior. Relativamente à qualidade, ainda é prematuro fazer uma avaliação.

Na Grande Lisboa, do ponto de vista fenológico, durante as primeiras semanas os olivais concluíram a fase de endurecimento do endocarpo, seguindo-se uma redução significativa da taxa de crescimento dos frutos, comportamento normal no desenvolvimento da azeitona nesta fase do ciclo. Relativamente ao estado hídrico, nos olivais instalados em solos com menor capacidade de armazenamento de água observou-se uma maior queda de folhas velhas. Este fenómeno constitui uma resposta fisiológica da oliveira ao défice hídrico, permitindo reduzir a área foliar e, consequentemente, limitar as perdas de água por evapotranspiração. Globalmente, os olivais apresentaram uma evolução fenológica adequada à época, embora os efeitos das temperaturas elevadas e da disponibilidade hídrica diferenciada entre parcelas tenham contribuído para a ocorrência pontual de escaldão dos frutos e para sinais de adaptação ao *stress* hídrico em algumas situações.

Mirtilo

No Médio Tejo, os pomares de mirtilo (variedades Duke e Misty) encontravam-se com a colheita terminada. A qualidade e o calibre dos frutos foram bons. Em termos quantitativos, obteve-se uma produção um pouco inferior ao expectável, justificada pela influência da precipitação intensa ocorrida durante a fase de floração que comprometeu o potencial produtivo da cultura. Nos sistemas de produção no solo, em camalhão, após as colheitas decorreram as operações de limpeza dos solos e o controlo de infestantes.



**Estado vegetativo das culturas
arvenses de sequeiro e regadio
nomeadamente Milho, Arroz, Grão-
de-bico, Feijão, Tomate (para indústria) e
Girassol; disponibilidade de água para rega**

Milho de sequeiro

No Oeste, as searas de milho encontravam-se na fase reprodutiva, algumas com os grãos no estado leitoso e as mais avançadas já com os grãos no estado pastoso. Com o calor e a ausência de precipitação, as plantas começaram a secar precocemente tal como os produtores receavam, o que prejudicou o desenvolvimento dos grãos e baixou a perspectiva de produção. A colheita está prevista decorrer na segunda metade de setembro, estimando-se uma produtividade um pouco mais baixa do que no ano anterior e milho de calibre médio/baixo.

Milho de regadio

No Médio Tejo, a cultura denotava um bom estado vegetativo, encontrando-se na maior parte dos campos com a floração terminada. Os campos mais avançados estavam na última fase de maturação, a duas semanas de interrupção da rega. As temperaturas extremas na fase da floração, surtiram algum efeito e evidenciavam

situações de abortamento do grão, receando-se prejuízo na produtividade. Na região verificou-se uma redução de áreas semeadas comparativamente ao ano anterior. Ainda é cedo para uma estimativa da produtividade da cultura nesta campanha comparativamente ao ano anterior. Em geral, as reservas hídricas mantinham-se suficientes e houve boa disponibilidade de água para a rega da cultura.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, o milho apresentava diversas fases fenológicas devido ao escalonamento das sementeiras, encontrando-se os campos mais adiantados na fase de enchimento do grão. Algumas searas apresentavam-se em melhor estado vegetativo do que outras. Não houve limitações de água para a cultura. Ainda não existem dados que permitam uma estimativa da produtividade.

Na Grande Lisboa, durante o mês verificou-se uma evolução diferenciada da cultura do milho em função da data de sementeira. As searas mais precoces, semeadas em abril, encontravam-se, no final do mês, com a maçaroca já formada, evidenciando um desenvolvimento fenológico mais avançado. O milho semeado em maio apresentava bom vigor vegetativo, atingindo, em algumas parcelas, cerca de 3,5m de altura. Nas sementeiras mais tardias, realizadas em junho, o desenvolvimento era significativamente inferior, encontrando-se as plantas, no final do mês, com alturas compreendidas entre aproximadamente 2m e 3m, consoante as parcelas. Esta diferença de desenvolvimento é essencialmente atribuível à maior ou menor duração do ciclo vegetativo decorrente das diferentes datas de instalação da cultura. Ao longo do mês prosseguiram as operações culturais, nomeadamente adubações e aplicação de herbicidas, em continuidade com as intervenções realizadas no mês anterior. Não foram registados problemas associados à disponibilidade de água que tenham comprometido de forma generalizada o desenvolvimento da cultura.

Contudo, a resposta das plantas às condições meteorológicas poderá ter sido diferenciada em função da data de sementeira e das condições de humidade existentes em cada parcela.

Na Península de Setúbal, as sementeiras de milho de regadio decorreram desde meados de abril até meados de julho, devido ao prolongamento da campanha da batata e da sua colheita tardia. Com o atraso na instalação da cultura, alguns produtores optaram por não a realizar, deixando parcelas em pousio, estimando-se uma redução da área semeada relativamente à campanha anterior. No final do mês a cultura do milho para grão apresentava um desenvolvimento vegetativo normal, com bom aspeto geral. Devido às diversas datas de sementeira, efetuada ao longo dos meses, observava-se grande variabilidade nas fases de desenvolvimento da cultura. Assim, no final do mês algumas parcelas encontravam-se em fase de floração e polinização, ainda sem formação de grão, enquanto noutras a floração e a polinização já se encontravam concluídas, observando-se maçarocas em desenvolvimento, com os grãos em fase inicial de enchimento, no estado leitoso. A colheita do milho para grão deverá iniciar-se em final de setembro ou em outubro, podendo nalgumas parcelas mais tardias prolongar-se até novembro.

De salientar o referido no relatório anterior: *“Apesar do bom estado geral da cultura, o contexto económico continua a suscitar preocupação. Os preços do milho permanecem baixos, fortemente condicionados pelos mercados internacionais, enquanto muitos dos fatores de produção, nomeadamente combustíveis e produtos fitofarmacêuticos, foram adquiridos quando os preços se encontravam elevados, reduzindo a rentabilidade esperada da campanha.”*

Arroz

No Oeste, as áreas mais adiantadas da cultura encontravam-se na fase do emborrachamento, início da

fase reprodutiva, em que a panícula se forma no interior da bainha da folha-bandeira, provocando o inchaço do colmo. As últimas áreas semeadas encontravam-se ainda na fase vegetativa, de crescimento de folhas. Devido às condições meteorológicas nos meses de inverno, que provocaram a inundação dos campos durante bastante tempo, as sementeiras decorreram bastante tarde, encontrando-se a cultura atrasada face a um ano normal, mas bastante mais adiantada do que no ano anterior. Embora se encontrasse a decorrer com normalidade, geralmente a instalação tardia causa alguma quebra de produção. Continuava a verificar-se uma forte presença de infestantes. A disponibilidade de água para a cultura foi elevada.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, os arrozais apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo, tendo beneficiado do tempo quente ao longo do mês. A cultura apresentava diferentes estádios fenológicos em função das datas de sementeira e das variedades. Os campos mais adiantados encontravam-se entre o início da floração e a fase de grão leitoso. As searas mais atrasadas estavam no início do afilhamento. Em geral, manteve-se uma disponibilidade de água adequada ao normal desenvolvimento da cultura, embora tenham sido identificadas situações pontuais de alguma limitação. Face ao estado fenológico da cultura existe ainda uma grande incerteza relativamente à produtividade e à qualidade da produção. No entanto, a cultura encontrava-se a decorrer dentro da normalidade.

Na Grande Lisboa, as searas de arroz apresentaram, de um modo geral, bom desenvolvimento vegetativo, decorrendo o ciclo cultural dentro da normalidade. O estado fenológico variou em função da data de sementeira, observando-se, nas parcelas mais precoces, culturas compreendidas entre o grão leitoso, enquanto a generalidade das áreas se encontrava no início da fase de espigamento, correspondente à

emergência progressiva da panícula da bainha da folha bandeira. Prevê-se que durante o mês de agosto a totalidade da área semeada atinja o auge da fase de espigamento, prosseguindo posteriormente o enchimento e maturação dos grãos.

Na Península de Setúbal as sementeiras decorreram desde o início de maio até à primeira quinzena de junho, encontrando-se as parcelas em diferentes estados de desenvolvimento. No final do mês as searas mais precoces encontravam-se na fase inicial do período reprodutivo, em encanamento e também na fase de emborrachamento, antecedendo a saída da panícula (espigamento) e a floração, devendo esta ocorrer no final da primeira semana de agosto. De salientar que situações de excesso de calor ou de temperaturas muito baixas poderão influenciar a fecundação. Prevê-se que a colheita ocorra em meados de outubro. A disponibilidade de água para rega foi adequada, não se tendo registado escassez. A água apresentou boas condições de circulação e gestão, facilitando as operações de rega. Esta situação resulta da elevada precipitação ocorrida e da menor área de arroz semeada na região, fatores que contribuíram para assegurar uma boa disponibilidade hídrica.

Grão de Bico

Na Lezíria do Tejo, onde se concentra a produção de grão de bico, as searas mais adiantadas encontravam-se em fim de ciclo, em ponto de começarem a ser colhidas, operação que decorrerá em agosto. Sem a colheita iniciada existe ainda incerteza relativamente à produtividade e qualidade da produção. No entanto, devido a alguns problemas ocorridos na fase de emergência e de floração, prevê-se que a produtividade seja um pouco menor do que no ano anterior.

Feijão

No Oeste, a cultura em geral apresentava-se muito semelhante ao ano anterior. As colheitas já tinham sido iniciadas em alguns campos mais adiantados. As temperaturas elevadas fizeram baixar um pouco a perspetiva de produção e de qualidade, prevendo-se agora uma produtividade semelhante ao ano anterior e feijão com calibre mais baixo, bem como a presença de grãos murchos.

No Médio Tejo, a cultura encontrava-se, no final do mês, com um razoável estado vegetativo e na fase de enchimento da vagem, embora este processo decorresse ainda de forma lenta devido às elevadas temperaturas. Tendo sido instalada muito tardiamente na região, a cultura exigia, nesta fase de desenvolvimento, um reforço significativo da rega, de modo a permitir que as plantas suportassem o *stress* térmico e evitassem o definhamento.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, o feijão, semeado um pouco mais tarde do que o habitual, apresentava um bom desenvolvimento vegetativo e encontrava-se em floração. Devido ao estado fenológico da cultura, não existe ainda informação que permita estimar a produtividade.

Tomate para indústria

No Oeste, os campos em geral apresentavam uma boa cobertura vegetal, minimizando o problema de escaldão nos frutos nos períodos de tempo quente que se verificaram no mês. As searas mais adiantadas apresentavam plantas com frutos em maturação. Não foram identificadas limitações de água para a cultura. A colheita será iniciada em agosto. Estima-se uma produtividade e qualidade semelhantes ao ano anterior.

No Médio Tejo, nos últimos dias do mês foram iniciadas as primeiras colheitas, tendo as mesmas decorrido em condições muito favoráveis. De forma a manter a cultura no início do mês em boas condições, houve necessidade de intensificação da rega nos períodos mais críticos de calor. Nas primeiras colheitas verificou-se uma boa produtividade, que comparativamente ao ano precedente se considerou ser semelhante. Foram apenas observados alguns frutos verdes não colhidos, verificando-se nesta fase alguma heterogeneidade, mas pouca, no estado de maturação dos frutos. A qualidade dos frutos colhidos foi considerada boa.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia, a cultura apresentava uma diversidade de estados vegetativos. As searas mais atrasadas encontravam-se em floração e as mais adiantadas em maturação. A colheita teve início na última semana do mês, ainda com quantidades reduzidas e com as entregas limitadas a algumas unidades industriais. A intensificação da colheita decorrerá a partir da primeira semana de agosto, quando todas as unidades industriais se encontrarem a receber produção. Embora ainda não seja possível determinar uma produtividade média, nos primeiros campos colhidos a expectativa era boa, prevendo-se alcançar valores semelhantes ou ligeiramente superiores ao ano anterior. A qualidade da produção colhida era razoável em termos de cor e de *brix*. Durante o mês não houve limitações na disponibilidade de água para rega.

Na Grande Lisboa, durante o mês a cultura de tomate para indústria apresentou uma evolução fenológica diferenciada em função da época de plantação. As plantações mais precoces, instaladas em abril, encontravam-se, no final do mês, com frutos de bom calibre, tendo sido interrompida a rega nas parcelas destinadas à colheita que se iniciou no final de julho, embora ainda de forma limitada e direcionada para um reduzido número de unidades industriais, prevendo-se a

sua generalização no início de agosto. A produção colhida apresentou, de um modo geral, qualidade considerada aceitável, nomeadamente no que respeita à cor e ao teor de sólidos solúveis (grau *brix*). As plantações de ciclo intermédio encontravam-se maioritariamente em frutificação, enquanto as parcelas mais tardias, instaladas no final de maio, permaneciam em floração, prevendo-se o início da colheita durante o mês de setembro. Nesta fase da campanha ainda não é possível fazer estimativas de produtividade. Contudo, de um modo geral, prevê-se uma produção semelhante à da campanha anterior, embora em algumas zonas se admita uma redução ligeira em consequência dos efeitos das temperaturas elevadas registadas durante o ciclo. Devido ao calor que se fez sentir, houve necessidade de intensificar a rega para satisfazer as necessidades hídricas das plantas. Não obstante, não foram registados quaisquer constrangimentos na disponibilidade de água para rega. Globalmente, a cultura apresenta bom estado vegetativo e produtivo, mantendo-se como principais fatores de risco os efeitos das temperaturas elevadas na frutificação, a crescente pressão das pragas típicas deste período e, sobretudo, a persistência dos fungos do solo em sistemas culturais com reduzida rotação de culturas.

Na Península de Setúbal, a plantação de tomate para indústria teve início no princípio de abril, com um pequeno aumento da área plantada relativamente à campanha anterior. No final do mês, a cultura encontrava-se na fase final de frutificação e em maturação, havendo situações pontuais de escaldão e de podridão de frutos. A colheita irá iniciar-se no princípio de agosto. A qualidade da produção será avaliada no momento da entrega à indústria, uma vez que depende de parâmetros como o grau *brix* e a coloração dos frutos. As situações de escaldão poderão ter reflexos negativos tanto na produtividade como na qualidade final da produção. Os casos de podridão dos frutos são suscetíveis de originar a rejeição de parte da produção

na receção pela indústria de transformação. As perspetivas apontam para uma produção global semelhante à do ano anterior, não sendo expectável uma campanha particularmente produtiva. Os preços foram definidos contratualmente antes do início da campanha, mantendo-se globalmente ao nível dos praticados na campanha anterior. No entanto, o valor final recebido pelos produtores dependerá da qualidade do produto entregue, podendo existir acertos no valor após a avaliação efetuada na receção da fábrica. Conforme referido no relatório anterior, *“Existe preocupação com a rentabilidade da cultura. O preço do tomate para indústria é definido antecipadamente, não refletindo a evolução do aumento dos custos de produção ao longo da campanha. Associado à estabilização ou redução do preço de venda, traduz-se numa diminuição das margens económicas das explorações.”*

Pimento para indústria

Na Grande Lisboa, durante o mês iniciou-se a colheita de pimento em verde proveniente das primeiras plantações, correspondentes às instalações mais precoces da cultura. Na sequência dos danos provocados pela precipitação e pelo vento ocorridos no final de junho, procedeu-se à replantação das áreas afetadas, permitindo restabelecer o normal desenvolvimento das parcelas. As restantes plantações evoluíram de forma satisfatória, prevendo-se o início da colheita do pimento vermelho a partir de meados de agosto, em função da evolução da maturação dos frutos. De um modo geral, no final do mês a cultura apresentou bom estado vegetativo e fitossanitário, decorrendo a campanha dentro da normalidade para a época.

Girassol

No Médio Tejo, as searas mais avançadas encontravam-se preparadas para a colheita, tendo sido esta operação iniciada nos últimos dias do mês, prevendo-se o grosso da colheita no final do mês de agosto e a prolongar-se

até meados de setembro. É estimada uma boa produtividade, face ao desenvolvimento regular da cultura, esperando-se níveis de produtividade dentro dos normais.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as searas mais avançadas encontravam-se na fase de maturação, prontas para serem colhidas, operação que decorrerá em agosto. A perspetiva de produtividade é de um ano normal, semelhante à do ano anterior.

Melão

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as plantações mais recentes de melão apresentavam frutos vingados em desenvolvimento e as primeiras encontravam-se na fase de maturação dos frutos. Na primeira metade do mês foram iniciadas as colheitas. As searas apresentavam-se bastante equilibradas relativamente à quantidade e calibre dos frutos, prevendo-se maior produtividade relativamente ao ano anterior, que foi um ano de baixa produção. A qualidade dos frutos era elevada, melhor do que no ano anterior, com boa aparência visual, bom grau *brix*, boa textura e cor da polpa. Nas plantações mais atrasadas a produtividade poderá diminuir devido ao efeito das temperaturas elevadas no início do mês, quando se encontravam em floração e no início do vingamento. Durante o mês houve disponibilidade de água para a cultura, contudo era já evidente a diminuição do caudal do rio Tejo e o seu efeito nos lençóis freáticos.

Na Grande Lisboa, a cultura do melão apresentou bom desenvolvimento vegetativo, evoluindo de forma favorável, não se tendo registado constrangimentos na disponibilidade de água para rega. A maturação dos frutos ocorreu ligeiramente mais cedo do que o inicialmente previsto, tendo a colheita sido iniciada no final do mês, antecipando as previsões. Tal como

referido em relatórios anteriores, na região *“a cultura do melão tem vindo a perder expressão, em consequência da elevada volatilidade dos preços pagos à produção.”*



Batata: estado vegetativo da cultura de regadio; andamento das colheitas da cultura de sequeiro; rendimento e qualidade de produtos

Batata de regadio

No Oeste, a colheita de batata de regadio para consumo em fresco, instalada em solos leves de areia (concelhos de Caldas da Rainha, Óbidos e Bombarral), encontrava-se muito adiantada. A colheita de batata para consumo em fresco e alguma para a indústria, instalada em solos mais pesados (concelhos da Lourinhã e Torres Vedras) foi iniciada durante o mês. Confirmam-se as elevadas expectativas de produtividade e de qualidade da produção, que se apresentam significativamente superiores ao ano anterior, que foi um ano mau. O preço da batata para consumo em fresco manteve-se muito baixo no produtor, principalmente devido à oferta a valores reduzidos de batata francesa da campanha anterior, causando desordem no preço da batata nova nacional. O nível de preços não permite cobrir os custos de produção, apesar da boa produtividade, sendo expectável o abandono da cultura por parte de alguns produtores.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, durante o mês decorriam com intensidade as colheitas de batata para indústria. Registou-se uma concentração das colheitas além do desejável, provocando algum atraso relativamente às necessidades do campo. A instalação tardia da cultura por motivos climáticos não permitiu o escalonamento habitual das plantações, que decorreram muito concentradas; as temperaturas elevadas em junho e julho que aceleraram o

desenvolvimento da cultura, bem como a dificuldade de escoamento da produção excedente dos compromissos contratuais em mercados alternativos, concorreram em conjunto para a concentração das colheitas e da oferta. A produção colhida apresentava boa qualidade e a produtividade encontrava-se acima das expectativas. Em termos de mercado, as unidades industriais estavam a assegurar o escoamento da produção dentro dos compromissos contratuais, mas o escoamento da produção excedente no mercado livre estava difícil. Estes mercados alternativos têm registado preços muito baixos devido à oferta elevada de batata, devido ao excesso de produção em França na campanha anterior e à concentração das colheitas em Portugal e Espanha. Durante o mês decorreram igualmente colheitas de batata para consumo em fresco. De um modo geral, a produção apresentava boa qualidade e produtividade elevada. Os preços no produtor mantinham-se muito baixos, não permitindo cobrir os custos de produção.

Na Península de Setúbal, no final do mês a colheita de batata para consumo e para indústria encontrava-se praticamente concluída. Mantém-se o referido no relatório anterior: *“... a batata precoce, cuja sementeira tinha sido efetuada em fevereiro e março, teve problemas na implementação da cultura e no desenvolvimento inicial, devido às condições de precipitação intensa nessa fase. No final de junho a colheita encontrava-se praticamente concluída, permanecendo apenas algumas parcelas por colher. Os calibres obtidos foram bons, situando-se acima da média habitual. As produtividades foram superiores às da campanha anterior. Sendo os encargos desta cultura muito elevados e os preços pagos à produção muito baixos e com grandes oscilações ao longo da campanha, a rentabilidade da cultura está altamente comprometida. Na batata para indústria, a sementeira decorreu entre março e abril. A colheita iniciou-se durante este mês, encontrando-se praticamente concluída. A produtividade foi superior à da campanha anterior. A batata estival, cuja colheita decorre habitualmente entre dezembro e fevereiro, ainda não se*

encontrava instalada, estando a sementeira prevista para agosto.”

Batata de sequeiro

No Oeste, a colheita de batata de sequeiro encontrava-se concluída. A produtividade foi baixa, condicionada pelas condições climáticas. A precipitação nos meses de inverno atrasou as plantações, que decorreram já bastante tarde, de forma muito rápida e sem o solo se encontrar nas melhores condições, circunstâncias que limitaram à partida a expectativa de produção. O tempo bastante seco nos meses seguintes à instalação da cultura, limitou as condições de produtividade. As expectativas iniciais, que previam produtividades ligeiramente abaixo do normal para a região, mas superiores ao ano anterior, que foi um ano mau, não se concretizaram, tendo-se as mesmas situado em níveis semelhantes ou até um pouco inferiores. A qualidade da produção foi fraca. Embora em bom estado fitossanitário, a batata apresentava calibres baixos e algumas deformações, depreciando o seu valor comercial. Os preços na produção situavam-se abaixo dos praticados no ano anterior.

7 de agosto de 2026

DADOS METEOROLÓGICOS

	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Valdonas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	40,2	38,4	39,0	37,7	40,1	42,2	42,4	42,8	b)	44,1
Dia	3	4	2 e 5	2	2	4	3	2	b)	4 e 5
Valor médio da temperatura máxima (°C)	29,4	24,7	29,2	30,3	31,7	34,6	33,1	33,6	b)	36,5
Temperatura máxima normal para a época (°C)	26,1	—	26,8	28,2	30,2	31,4	30,8	31,6	—	33,3
Temperatura mínima (°C)	13,6	12,6	14,5	17,2	13,1	11,9	13,9	11,9	b)	11,6
Dia	13	2	31	11	9	10	11	8	b)	8
Valor médio da temperatura mínima (°C)	16,1	12,6	17,4	19,8	16,4	15,4	17,4	15,0	b)	15,6
Temperatura mínima normal para a época (°C)	14,9	—	15,7	18,2	16,2	15,1	16,4	14,6	—	14,2
Temperatura média normal para a época (°C)	20,5	—	21,3	23,2	23,2	23,3	23,6	23,1	—	23,8
Horas de frio	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Rajada máxima de vento (Km/h)	37,1	42,5	45,0	47,5	42,5	46,4	44,6	37,1	b)	39,6
Dia	20	3	25	25	3	16	3	25	b)	25
Número de dias com precipitação	3	0	0	a)	1	10	1	1	b)	0
Precipitação acumulada no mês (mm)	2,1	0,0	0,0	a)	0,1	2,3	0,4	0,3	b)	0,0
Precipitação normal para a época (mm)	7,5	—	3,8	2,6	2,1	2,3	3,3	4,3	—	4,3
Precipitação diária máxima no mês (mm)	1,7	0,0	0,0	a)	0,1	1,4	0,4	0,3	b)	0,0
Dia	12	n/a	n/a	n/a	12	12	12	12	b)	n/a
Humidade relativa diária mínima (%)	14	20	20	21	10	39	14	11	b)	11
Humidade relativa diária máxima (%)	96	100	99	100	95	100	98	100	b)	100

Notas:

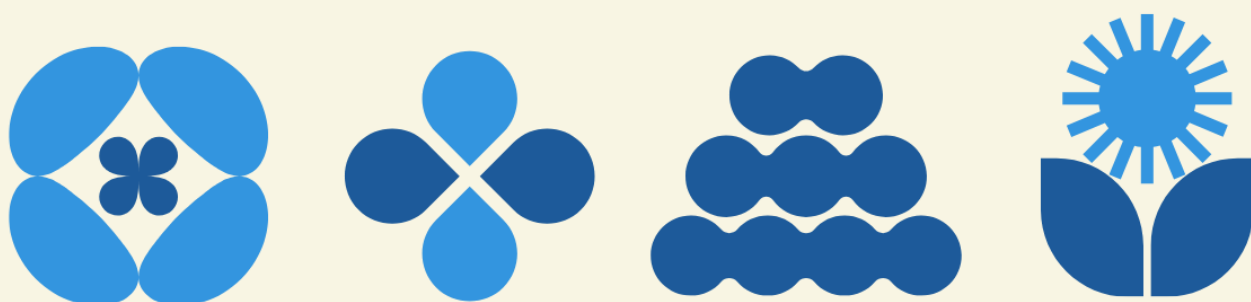
Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados no dia 20.

b) Falha de dados relativos à Temperatura Máxima, Temperatura Mínima, Precipitação Acumulada, Vento (Rajada Máxima) e Humidades Relativas nos dias 1 a 7.

— Sem dados

n/a - Não aplicável



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT